

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E BIOLÓGICAS  
LICENCIATURA PLENA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

**MATHEUS FERNANDES DE SOUSA PIMENTEL**

**IMPACTO DA PANDEMIA DA COVID-19 NA SAÚDE MENTAL E NA EDUCAÇÃO DA  
POPULAÇÃO LGBTQIA+ BRASILEIRA: UM ESTUDO DA PRODUÇÃO  
ACADÊMICA-CIENTÍFICA**

**SOROCABA**

**2024**

**MATHEUS FERNANDES DE SOUSA PIMENTEL**

**IMPACTO DA PANDEMIA DA COVID-19 NA SAÚDE MENTAL E NA EDUCAÇÃO DA  
POPULAÇÃO LGBTQIA+ BRASILEIRA: UM ESTUDO DA PRODUÇÃO  
ACADÊMICA-CIENTÍFICA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)  
apresentado como requisito parcial à  
obtenção do grau de Licenciado pleno em  
Ciências Biológicas, na Universidade  
Federal de São Carlos, campus Sorocaba.

Orientadora: Profa. Dra. Viviane Melo de  
Mendonça.

SOROCABA

2024

Pimentel, Matheus F S

Impacto da pandemia da COVID-19 na saúde mental e na educação da população LGBTQIA+ brasileira: um estudo da produção acadêmica-científica / Matheus F S  
Pimentel -- 2024.  
70f.

TCC (Graduação) - Universidade Federal de São Carlos,  
campus Sorocaba, Sorocaba  
Orientador (a): Viviane Melo de Mendonça  
Banca Examinadora: Hylío Laganá Fernandes, Maurício  
Donavan Rodrigues Paniza  
Bibliografia

1. Saúde mental. 2. Educação. 3. População LGBTQIA+.  
I. Pimentel, Matheus F S. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática  
(SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Maria Aparecida de Lourdes Mariano -  
CRB/8 6979

## DEDICATÓRIA

À minha mãe, Antônia Eloneide e ao meu pai, José Itamar, pois sem a presença deles nada seria possível.

A minha família e amigos por sempre estarem presentes nas minhas conquistas.

Aos professores que veem a educação como uma forma de mudança de vida e que de fato, mudam vidas.

Simplesmente, a todas as pessoas que estiveram ao meu lado.

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Antônia Eloneide e José Itamar, por caminharem e lutarem sempre comigo. Agradeço a eles por todo o esforço e todo investimento que fizeram, não só durante a minha graduação, mas em toda a minha vida, principalmente por me fazer acreditar que eu sou capaz. Aos meus pais, obrigado por tudo.

A minha família, que me deu um suporte incondicional, em especial meus tios: Erileide Fernandes e José Carlos, que sempre me colocaram em suas orações; Aos meus primos: Dagmar chaves e Caio Fernandes, que cresceram comigo e por terem vivido tantas coisas boas comigo; A Vitória Fernandes, por ter sido e por ser o meu braço direito e minha melhor amiga, por ter me incentivado e por ser parceira; Ao meu avô Antônio (*in memorian*), que infelizmente, já não se encontra mais de corpo presente; Avó Espedita Fernandes, por todas as mensagens de carinho; Ao meu cunhado, Wesley Marques, por ser um cunhado-irmão. A todas as pessoas da minha família que não mencionei aqui, meus agradecimentos.

A minha irmã, Juliana, por sempre ter sido minha segunda mãe, minha fonte de inspiração, minha proteção, sendo ela a pessoa que eu mais pude contar na vida, sem dúvidas, essa conquista só foi possível graças a presença e sabedoria dela. Por todas as vezes que você foi firme, que protegeu, que proibiu, que brigou, que apoiou, que me acolheu: obrigado por ser minha irMÃE!

Ao Eduardo, meu marido, que acima de tudo é um grande amigo, meu companheiro de vida, sempre presente nos momentos difíceis com uma palavra de incentivo. Obrigado por ser essa pessoa maravilhosa, meu aconchego, meu refúgio e por me fazer acreditar no amor. Seu valioso e incansável apoio, foi fundamental para o desenvolvimento deste trabalho.

A todos os meus professores, em especial a minha Orientadora Profa. Dra. Viviane Melo de Mendonça, que não é apenas uma professora de conteúdo acadêmico, mas uma professora da vida. Meus agradecimentos por ter aceitado conduzir o meu trabalho de pesquisa, ensinando-me a caminhar no meio acadêmico, sempre com muito

carisma e alegria. Obrigado por me manter motivado durante todo o processo e por indicar a direção correta que o trabalho deveria tomar.

Aos amigos que conhecemos durante a trajetória academia, em especial: Débora Damanius, Hemille Huggler, Júlia Ismerim, Júlia Batista, Lina Lopes, Laura Calleja, Ana Luíza, Gustavo Araújo, Jackeline Festa, João Marinho, Lucas, Mateus Miranda, Roberta, Jeniffer, Vanessa, Alice, Dalva e Guilherme Brichi.

Aos meus amigos de infância: Juan Eduardo, Maria Eduarda, Ricardo, Yann, Brenda, Bruno, Lucas, Rafael, Raquel, Tainara, Katiele, Gustavo, Jordan e Ângelo, que me acompanharam em todas as fases da minha vida, comemoraram comigo no momento em que ingressei no ensino superior e agora comemoram a finalização dessa etapa. Meus agradecimentos por vocês sempre se fazerem presentes.

Ao Cursinho Comunitário Pimentas (CCP), que ensinou e ensina sobre vestibulares, vida, cidadania, política e ações sociais. Meus mais sinceros agradecimentos a esse projeto voluntário, que tem como principal objetivo, salvar vidas

Por fim, cada um destes foi fundamental para a finalização desta etapa. Meus mais sinceros agradecimentos.

“Mas tu não deves esquecer. Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas”. (Antoine de Saint-Exupéry).

## RESUMO

O objetivo desta pesquisa foi identificar, mapear e analisar as publicações científicas sobre os impactos da pandemia de COVID-19 na população LGBT brasileira no período de 2020 a 2022. Buscamos analisar a produção do conhecimento presente em teses de doutorado, dissertações de mestrado e artigos de periódicos científicos nas áreas da psicologia e educação em relação ao impacto da pandemia de COVID-19 na população LGBT brasileira durante esse intervalo de tempo. A pesquisa envolveu a busca por produções científicas em bases de dados eletrônicas, como SciELO (Scientific Electronic Library Online), BVS – Psi (Biblioteca Virtual em Saúde – Psicologia Brasil), BDTD (Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações) e o portal de periódicos da CAPES. Utilizamos descritores em língua portuguesa, como “Saúde mental”, “LGBT”, “Homossexualidade”, “Educação”, “Transgênero” ou “Transsexualidade”, “COVID-19”, “Sars-COV-2”, e seus equivalentes em língua inglesa. O processo de busca resultou em um total de 22 manuscritos. A análise dos estudos foi composta por diferentes etapas, incluindo leitura de reconhecimento do material bibliográfico, leitura exploratória para verificar a adequação das informações às metas do estudo, leitura reflexiva ou crítica, e leitura interpretativa para relacionar e integrar o conteúdo das obras com o problema de pesquisa. Dos 22 periódicos encontrados, apenas 8 abordavam especificamente o tema desta pesquisa, enquanto os demais foram excluídos após as análises mencionadas. Concluímos que ainda não existe uma grande variabilidade metodológica nos estudos nacionais e internacionais sobre a temática, destacando a necessidade de incentivar mais pesquisas. Além disso, identificamos a escassez de interesse no tema durante o período de estudo, assim como a ausência de políticas específicas do governo para abordar o problema, destacando a vulnerabilidade da população jovem LGBT+ em contextos de emergências sanitárias. Portanto, o atual projeto de pesquisa menciona acerca da educação brasileira, e como são abordados gênero e sexualidade, dentro da disciplina de biologia (ensino médio) e ciências (ensino fundamental), bem como a luta e a história da comunidade LGBTQIA+. Por fim, abordam-se os diferentes tipos de violências sofridas pela população LGBTQIA+, enfatizando a violência doméstica, muito recorrente nos cotidianos e lares de pessoas que saem do padrão cisheteronormativo, mencionando a saúde mental, como o principal impactado da pandemia.

**Palavras chaves:** Saúde mental; LGBT; Educação; COVID-19.

## ABSTRACT

The objective of this research was to identify, map, and analyze scientific publications on the impacts of the COVID-19 pandemic on the Brazilian LGBT population from 2020 to 2022. We aimed to analyze the knowledge production present in doctoral theses, master's dissertations, and scientific journal articles in the fields of psychology and education concerning the impact of the COVID-19 pandemic on the Brazilian LGBT population during this period. The research involved searching for scientific productions in electronic databases such as SciELO (Scientific Electronic Library Online), BVS – Psi (Virtual Health Library – Psychology Brazil), BDTD (Brazilian Digital Library of Theses and Dissertations), and the CAPES journal portal. We used Portuguese language descriptors such as “Mental health,” “LGBT,” “Homosexuality,” “Education,” “Transgender” or “Transsexuality,” “COVID-19,” “Sars-COV-2,” and their English equivalents. The search process resulted in a total of 22 manuscripts. The analysis of the studies consisted of different stages, including a preliminary reading of the bibliographic material, an exploratory reading to verify the adequacy of the information to the study's goals, a reflective or critical reading, and an interpretative reading to relate and integrate the content of the works with the research problem. Of the 22 journals found, only 8 specifically addressed the theme of this research, while the others were excluded after the mentioned analyses. We concluded that there is still not a great methodological variability in national and international studies on the topic, highlighting the need to encourage more research. Additionally, we identified a lack of interest in the subject during the study period, as well as the absence of specific government policies to address the issue, highlighting the vulnerability of the young LGBT+ population in health emergency contexts. Therefore, the current research project mentions Brazilian education and how gender and sexuality are addressed within the biology (high school) and science (elementary school) subjects, as well as the struggle and history of the LGBTQIA+ community. Finally, the different types of violence suffered by the LGBTQIA+ population are addressed, emphasizing domestic violence, which is very recurrent in the daily lives and homes of people who deviate from the cisheteronormative standard, mentioning mental health as the main impact of the pandemic.

**Key words:** Mental health; LGBT; Education; COVID-19.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>CAPÍTULO 1 - DEFINIÇÕES DE TERMOS: COVID-19 E POPULAÇÃO LGBT+</b> .....	17
1.1 A PANDEMIA DA COVID-19 .....	17
1.2 A LUTA E A CATEGORIA LGBT+ .....	19
<b>CAPÍTULO 2 - GÊNERO E SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO E ENSINO DE CIÊNCIAS E BIOLOGIA</b> .....	24
<b>CAPÍTULO 3 - METODOLOGIA</b> .....	39
<b>CAPÍTULO 4 - RESULTADOS E DISCUSSÃO</b> .....	43
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	58
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	60

## INTRODUÇÃO

Desde a infância, indagações acerca da anatomia humana e da dinâmica social permeavam meus pensamentos, pois procurava compreender o funcionamento e desenvolvimento das coisas, notadamente no contexto das interações humanas. Ao longo dos anos, questionei-me sobre como se efetua essa interação interpessoal, chegando a algumas conclusões, ainda que desprovidas de viés científico à época.

Dessa forma, questionamentos realizados a fim de entender o comportamento humano, me levaram a querer iniciar na vida acadêmica, visto que, uma das grandes virtudes dos pesquisadores é o fato de questionar e expor seus argumentos diante a fatos relevantes para o desenvolvimento social. No entanto, antes desse momento fundamental, tive a necessidade de escolher em qual área eu adentraria para estudar e me tornar um profissional adequado. Em resposta a essa dúvida, tive a plena convicção de que seria biólogo e licenciado na área, pois acreditava (e acredito) que somente com a educação, é que poderíamos mover o mundo.

Além disso, durante os anos iniciais da minha formação no ensino fundamental, desenvolvi interesse no estudo das ciências quando a professora mencionou sobre constelações, astros e sistema solar. No ano seguinte, estudar corpo humano e proteínas me propôs refletir sobre como é fantástico estar a par do assunto, mesmo que de forma mínima, através de uma simples aula. Naquele momento, percebi como a biologia era grandiosa, era quase fenomenal, estudar e tentar entender como uma disciplina conseguia abordar tantas esferas da vida.

Ao longo do meu ensino médio, percebi que tinha habilidade em diversas disciplinas, principalmente nas áreas de exatas e biológicas. Logo, identifiquei que minha vocação estava nesse campo. Embora tenha considerado várias áreas, a genética se destacou como a principal fonte de aprendizado ao longo desses 4 anos.

Confesso que, antes de consolidar minha decisão de seguir a carreira de biólogo, a ideia de ser médico frequentava meus pensamentos. Até hoje, enxergo a profissão médica com grande admiração, mas a docência continuava a trazer-me imensa satisfação. No último ano do ensino médio, uma figura fundamental, a professora Ana Francis, cativou-me profundamente. Sua simpatia e dedicação mostraram-me os bastidores da universidade pública, revelando o espetáculo que é o ensino, a educação

e o processo de aprendizagem. Esse encontro influenciou significativamente minha decisão de seguir na área educacional.

Assim, ao realizar os vestibulares com o objetivo de ingressar em uma universidade pública em São Paulo, alcancei a aprovação no curso desejado. Durante o segundo ano da graduação, explorei diversas áreas, reencontrando-me com a paixão que tinha no ensino médio por todas as vertentes da biologia. Nesse momento, porém, meu interesse concentrou-se mais especificamente na bioinformática.

No entanto, entre todas as disciplinas estudadas, uma se destacou: a psicologia da educação. Após cursar disciplinas como "Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem" e "Psicologia da Adolescência e Problemas Psicossociais", ministradas pela Prof. Dr(a). Viviane Melo de Mendonça, tomei a decisão de direcionar meus estudos para essa área específica. Foi nesse ponto que tive a convicção de estar no curso ideal e no caminho certo para me tornar um profissional exemplar.

Um desafio significativo ao apreciar a grande maioria das disciplinas estudadas é a dificuldade em escolher uma área de atuação específica. Para eliminar qualquer hesitação, busquei experiências em diversas áreas. No primeiro ano, assumi o papel de monitor na disciplina de Química Geral e Orgânica. No segundo ano, tornei-me monitor de Genética Geral como bolsista, despertando um interesse sólido nessa área. No terceiro ano, obtive novamente uma bolsa de monitoria, desta vez para a disciplina de Genética Molecular.

O meu interesse notável pela genética de maneira geral tornou-se evidente. Decidi então realizar um projeto na Escola Paulista de Medicina (UNIFESP), contudo, infelizmente, não pude concluí-lo devido a questões pessoais. No último ano do curso, ingressei na iniciação científica com a Professora Dra. Viviane. A partir desse momento, percebi o quão encantador o mundo da educação poderia ser.

A mudança de perspectiva ocorreu num contexto de reflexão mais profunda: o período pandêmico de isolamento social em resposta à disseminação do vírus SARS-COV-2. Perguntas como "O que está acontecendo com o mundo, com as pessoas, com os idosos, com as crianças, com nossa saúde mental?" surgiram de forma contundente, gerando uma reflexão aprofundada sobre os impactos psicossociais da pandemia.

Os últimos dois anos foram marcados por uma crise pandêmica global desencadeada pelo coronavírus SARS-COV-2, identificado pela primeira vez em dezembro de 2019 na cidade de Wuhan, China, como o agente causador da COVID-19. Esta enfermidade é caracterizada como uma forma grave de infecção respiratória aguda, frequentemente demandando cuidados intensivos.

Inicialmente, foi notório os impactos da pandemia do Covid-19 na população brasileira, principalmente para aquelas pessoas que se encontram em um contexto mais vulneráveis economicamente. Segundo Albuquerque e Ribeiro (2020), analisando dados que demonstraram que as primeiras mortes decorrentes da COVID-19 no Brasil acontecerem em trabalhadores e trabalhadoras de classes mais pobres, concluíram que os processos de produção de escassez e de pobreza estrutural afetaram a disseminação do vírus e a letalidade da pandemia de Covid-19. Portanto, o contexto pandêmico da COVID19 parece ser mais impactante em grupos marcados pela precariedade social e econômica.

Butler (2020), do mesmo modo, afirma que a desigualdade social e econômica assegurou que o vírus discriminasse. Os poderes entrelaçados de nacionalismo, racismo, xenofobia, homotransfobia e capitalismo criaram condições para um cenário doloroso em que algumas pessoas não tiveram direito de viver e, no caso da COVID-19, “não tiveram direito de respirar” (MENDONÇA, 2020).

Com a elevada incidência de óbitos, tornou-se evidente que a problemática ultrapassava o âmbito da saúde pública. Diariamente, éramos informados sobre os desafios apresentados pelo vírus, incluindo as formas de contágio, medidas preventivas e outras informações pertinentes. Embora se reconheça a importância do lockdown em momentos críticos, subsistia em mim uma significativa indagação, conduzindo-me ao seguinte questionamento: "Como estão as pessoas que sofrem violência doméstica e precisam permanecer em casa?". Uma análise panorâmica revela claramente os obstáculos enfrentados por mulheres e pela comunidade LGBTQIA+ diante de agressões e violências, muitas vezes perpetradas no interior de seus lares.

Portanto, como foi possível enfrentar simultaneamente dois tipos de vírus, um de natureza biológica e outro de caráter social-político? Nesse cenário, a violência emerge como uma problemática a ser compreendida sob a perspectiva de saúde pública. Conforme a definição de Minayo e Souza (1998), a violência é conceituada como qualquer ação intencional perpetrada por indivíduo, grupo, instituição, classes ou nações direcionada a outrem, ocasionando prejuízos, danos físicos, sociais, psicológico e/ou espirituais.

Apesar da disseminação de conhecimento sobre as medidas para combater o vírus e os apoios oferecidos, uma parcela da sociedade expressava não se sentir segura diante da exigência do isolamento social e o imperativo “fique em casa!”: jovens LGBTQIA+. Essa insegurança estava vinculada não apenas a questões de saúde, mas, no caso deste grupo, a preocupações relacionadas à sexualidade e orientação sexual. Isso se deve ao observável conjunto de práticas discriminatórias direcionadas à comunidade LGBTQIA+, predominantemente no ambiente familiar. Em muitos casos, pais e familiares não apenas silenciam diante dessa discriminação, mas também contribuem ativamente para esse processo, expressando desagrado e rejeição em relação a parentes homossexuais. Essa atitude se manifesta através de expressões de preconceito, agressões verbais e físicas, bem como violência simbólica presente nos discursos. Sabe-se que a população LGBT brasileira é marcada, lamentavelmente, por um conjunto violento de práticas discriminatórias que são produzidas por uma sociedade estruturada pela normatização e privilégio da cis-heterossexualidade (MENDONÇA, 2020b).

Além disso, a cis e heterossexualidade persistem sendo reafirmadas em detrimento de outras identidades de gênero e orientações sexuais, resultando em manifestações de violência e fatalidades no país (ANTRA, 2021; EFROM FILHO, 2016; CARRARA E VIANNA, 2006). Esse cenário também propicia a instauração de pedagogias de insulto (JUNQUEIRA, 2013), práticas de heteroterrorismo (BENTO, 2011), e a precarização das condições sociais e econômicas de indivíduos pertencentes à comunidade LGBT (BUTLER, 2018). Dessa maneira, todas as identidades que se distanciam da norma estabelecida (cisgênero e heterossexual) enfrentam sérios ataques, muitas vezes sem uma contraposição ou proteção efetiva por parte do Estado (OLIVEIRA, 2022). Dessa forma, em contexto pandêmico, essas práticas parecem ter se tornado mais presentes e nítidas no cotidiano da comunidade LGBTQIA+.

Foi fundamental compreender, analisar e explicar como a Pandemia de COVID-19 que impactou e continuou a afetar a sociedade, gerando conflitos, desigualdades, impasses na saúde pública e, notavelmente, violências dirigidas a grupos frequentemente marginalizados e maltratados, como a ampla comunidade LGBTQIA+. Esse grupo, em específico, foi especialmente impactado em sua saúde mental e educacional, podendo-se considerar a pandemia como um catalisador para o adoecimento mental. Além do isolamento social, destacaram-se os processos de

violência doméstica e a rejeição familiar como elementos contribuintes para essa situação. Conforme Moura (2022), grupos minoritários frequentemente se tornaram alvos de ataques e formas abruptas de violência, resultando em intimidações e, conseqüentemente, na ruptura da qualidade de vida, afetando a saúde mental de maneira desassociada do conforto e bem-estar subjetivo e interpessoal.

Bordiano (2022, p.1) ainda reitera que:

Em recente investigação nacional, realizada com cerca de 9 mil participantes, que objetivou averiguar os maiores impactos da pandemia para a população LGBTQIA+, 42,72% dos entrevistados elencaram a saúde mental como o principal impacto vivenciado durante este período, seguida de “novas regras de convívio”, “solidão”, “convívio familiar” e “falta de emprego e dinheiro.

Nesse contexto, é possível considerar que, entre todos os motivos que tornam a comunidade LGBTQIA+ mais vulnerável, a presença dos altos índices de violência aos quais estão sujeitos destaca-se como um dos mais preocupantes. Essas violências tornaram-se mais explícitas durante o isolamento, uma vez que o confinamento frequentemente expõe as vítimas a potenciais agressores, sendo a própria residência da vítima o segundo local de maior ocorrência de assassinatos (MENDES, 2020).

Foi essencial compreender, analisar e explicar como a pandemia de COVID-19 impactou e continua a afetar a sociedade, gerando conflitos, desigualdades e impasses na saúde pública, além de resultar em violências dirigidas a grupos frequentemente marginalizados e maltratados, como a ampla comunidade LGBTQIA+. Este grupo, em particular, foi especialmente afetado em sua saúde mental e educacional, sendo possível considerar a pandemia como um catalisador para o adoecimento mental. Além do isolamento social, destacam-se os casos de violência doméstica e a rejeição familiar como elementos contribuintes para essa situação. De acordo com Moura (2022), grupos minoritários frequentemente se tornam alvos de ataques e formas abruptas de violência, resultando em intimidações e, conseqüentemente, na ruptura da qualidade de vida, afetando a saúde mental de maneira desvinculada do conforto e bem-estar subjetivo e interpessoal.

Assim, as medidas protetivas, embora necessárias para conter o avanço do vírus, contribuíram significativamente para o considerável aumento no número de queixas relacionadas a desordens psicológicas, caracterizando um conjunto de

sintomas conhecido como distress. O distress é um construto que abrange uma variedade de sintomas e estados afetivos desconfortáveis, tais como ansiedade, angústia, aflição, tristeza, depressão e estresse (SANTOS, 2021).

Além disso, é relevante mencionar que diversos estudos foram realizados em todo o mundo para analisar o impacto do isolamento social sobre os jovens. Na Europa, especialmente na Espanha e em Portugal, foi observado um aumento significativo nos níveis de sintomas depressivos, ansiedade e estresse entre os jovens após o início da pandemia. Considerando que a amostra principal e mais jovem desse estudo era composta principalmente por estudantes, esse estresse pode estar relacionado ao desafio enfrentado pelos jovens em se adaptar ao novo contexto educacional sem aulas presenciais (ETXEBARRIA, 2020).

Até o presente momento, nenhum estudo de revisão de literatura foi conduzido com o propósito de analisar o impacto da pandemia na população LGBT no Brasil. Com a intenção de preencher essa lacuna e aprofundar-se na temática, o presente estudo propôs-se a analisar os periódicos desenvolvidos entre 2020 a 2022, oferecendo sugestões e proposições para práticas de acolhimento psicológico e educativo voltadas à população LGBT em contextos de emergência sanitária, como aqueles vivenciados durante a pandemia de COVID-19.

É importante ressaltar, de acordo com SAWAIA (2001), que estudar a exclusão por meio das emoções daqueles que a vivenciam é refletir sobre o "cuidado" que o Estado dispensa aos seus cidadãos, sendo indicativo do comprometimento, ou falta dele, com o sofrimento humano. Isso se aplica tanto ao aparato estatal quanto à sociedade civil e ao próprio indivíduo.

Diante deste contexto, o objetivo geral deste estudo é identificar, mapear e analisar as publicações científicas sobre os impactos da pandemia de COVID-19 na população LGBT brasileira no período de 2020 a 2022. Além disso, os objetivos específicos são:

- Realizar uma sistematização, classificação e análise de dissertações de mestrado, teses de doutorado e artigos científicos publicados entre 2020 e 2022, com enfoque nas áreas da psicologia e educação, que tenham gerado conhecimento sobre os impactos da COVID-19 na população LGBT brasileira.

- Identificar, nas obras analisadas, sugestões e proposições para práticas de acolhimento psicológico e educativo destinadas à população LGBT em contextos de emergência sanitária, como os vivenciados durante a pandemia de COVID-19.

- Identificar problemas de pesquisa que necessitam ser investigados e/ou aprofundados com base nas conclusões das obras analisadas.

# CAPÍTULO 1

## DEFINIÇÕES DE TERMOS: COVID-19 E POPULAÇÃO LGBT+

### 1.1 A PANDEMIA DA COVID-19

A pandemia da COVID-19 subumbiu o mundo moderno e cobrou um preço que muitos teriam considerado inconcebível, onde até o dia 13 de dezembro de 2023, houve 772.386.069 casos confirmados de COVID-19, incluindo 6.987.222 mortes , notificados à Organização Mundial de Saúde.

Nos últimos anos, o mundo vivenciou um contexto pandêmico de grandes proporções, provocado pelo coronavírus SARS-COV2 (Síndrome Respiratória Aguda Grave por Coronavírus 2), (do inglês: severe acute respiratory syndrome coronavirus 2) ou nomeado doença de coronavírus (COVID-19) pela Organização Mundial da Saúde, surgiu na cidade de Wuhan, China (Ferrari, 2020), causador da doença COVID-19. A infecção foi identificada pela primeira vez em humanos em dezembro de 2019, na cidade de Wuhan, na China, onde logo espalhou-se rapidamente por todo o mundo, podendo ser caracterizada como uma forma de infecção respiratória aguda grave, que exige cuidados intensivos.

A COVID-19 chegou à América do Sul somente no dia 25 de fevereiro de 2020, quando o Ministério da Saúde (MS) do Brasil confirmou o primeiro caso. Por ser considerado uma nova doença viral emergente no mundo todo, não existiam naquele momento, tratamentos antivirais ou vacinas, portanto o tratamento foi desenvolvido e voltado aos cuidados para com o paciente infectado, por parte da equipe de saúde (GOUVEIA, 2020).

Primordialmente, é importante relatar sobre os vírus e o que eles são. Eles são parasitas acelulares, que não apresentam atividade metabólica própria, pois precisam invadir alguma célula obrigatoriamente e com um único objetivo: se perpetuar na natureza (Campos, 2014). Eles apresentam em sua estrutura DNA ou RNA próprios, nucleoproteínas, envelope nuclear, capsídeo e nucleocapsídeo. De acordo com o Comitê Internacional de Taxonomia de Vírus, a estrutura do SARS-COV 2, possui uma espécie de coroa em sua volta, através da presença das glicoproteínas S, que são de suma importância para a entrada de partículas virais. Além disso, apresentam

as proteínas conhecidas como “spike”, sendo ela, relacionada com a organização central da montagem do vírus e em suas estruturas.

Para atacar a célula humana, o vírus utiliza a proteína conversora de angiotensina ou ACE2 humano, que tem suma importância no sistema renina-angiotensina, controlando a pressão sanguínea e o equilíbrio de líquidos e eletrólitos do corpo humano (ALVARES, 2021) como receptor de entrada e proteases humanas como ativadores de entrada, para que seja possível adentrar nas células. Assim, uma proteína spike da superfície do vírus promove a entrada do SARS-CoV-2 nas células humanas, e inicia o processo de contaminação.

Dados filogenéticos sugerem uma origem zoonótica (Ghinai et al, 2020), sendo semelhante aos vírus da síndrome aguda respiratória grave por coronavírus (SARS) e da síndrome aguda respiratória grave do Oriente Médio (MERS), e tem sido demonstrado que a transmissão do vírus se dá de pessoa para pessoa. Tem sido detectado em escarro, saliva, e zaragatoas da garganta e nasofaríngeas (Phan, 2020). Portanto, pode espalhar-se por meio de pequenas gotículas liberadas pelo nariz e pela boca de indivíduos infectados, mesmo quando apresentarem quadros assintomáticos (Ferrari, 2020). Há 96,2% de identidade genética com o betaCoV/bat/Yunnan, vírus isolado de morcegos (STRABELLI, 2020).

Nesse contexto, basta apenas um mínimo contato com gotículas contaminadas para ocorrer a propagação do vírus. A infecção pelo SARS-CoV-2 pode variar de casos assintomáticos e manifestações clínicas leves, mesmo esse vírus afetando os pulmões, o trato respiratório e outros sistemas do corpo humano, e também pode ter características de quadros moderados, graves e críticos, sendo necessária atenção especial aos sinais e sintomas que indicam piora do quadro clínico que exijam a hospitalização do paciente. Durante os casos leves, são caracterizados a partir da presença de sinais e sintomas não específicos, como tosse, dor de garganta e coriza, seguido ou não de anosmia, ageusia, diarreia, dor abdominal, febre, calafrios, mialgia, fadiga e/ou cefaleia. Nos casos graves e críticos há saturação de oxigênio menor que 95%, sepse, síndrome do desconforto respiratório agudo, insuficiência respiratória grave, disfunção de múltiplos órgãos, pneumonia grave, havendo necessidade de suporte respiratório e internações em unidades de terapia intensiva (Ministério da Saúde). É necessário lembrar que a infecção concomitante à influenza aumentou os riscos de pacientes internados com insuficiência cardíaca, e quase a metade dos pacientes que se curaram.

Ainda vale a pena mencionar acerca da realização de esforços massivos para o desenvolvimento de uma vacina segura e eficaz, que conseguisse amenizar a força e a virulência do SARS-COV 2. No decorrer do ano de 2021, havia 184 vacinas candidatas contra a COVID-19 em desenvolvimento pré-clínico, 105 em desenvolvimento clínico e 18 vacinas aprovadas para utilização de emergência por pelo menos uma autoridade reguladora (NDWANDWE, 2021). De forma conclusiva, no Brasil tivemos as seguintes vacinas para a realização do processo de vacinação em massa: Vacina CoronaVac COVID-19 (Sinovac/Butantan), Vacina Covishield COVID-19 (AstraZeneca/Fiocruz), Vacina covid-19 (RNAm) (Comirnaty) – Pfizer/Wyeth, Vacina covid-19 (recombinante) – Janssen e Vacina covid-19 (RNAm) (Comirnaty). Todas as vacinas mencionadas, incluem em sua composição, vírus inteiros, vivos atenuados ou inativados, à base de proteínas, de vetor viral e de ácido nucleico (NDWANDWE, 2021).

Conforme já foi discorrido neste trabalho, a pandemia de COVID-19 não afetou do mesmo modo grupos sociais distintos. A questão principal que colocamos é como a pandemia impactou especificamente a população LGBTQ+. Para isso, contextualizaremos sócio-politicamente a categoria LGBTQ+.

## 1.2 A LUTA E A CATEGORIA LGBTQIA+

O movimento LGBTQIA+ ganhou sua maior visibilidade em 28 de junho de 1969, no Stonewall Inn, nos Estados Unidos<sup>1</sup>. Esse famoso bar em Nova Iorque representou a primeira grande manifestação do grupo diante da força policial. No Brasil, a luta pelo reconhecimento da diversidade sexual e de gênero teve início mais tarde do que na América do Norte ou Europa, tornando-se notória apenas na década de 80, em um contexto de grande injustiça social e repressão. Esse período ocorreu após o enfraquecimento da ditadura militar (1964-1985) e de seus ideais conservadores, persistindo ao longo do processo de redemocratização da sociedade (FACCHINI, 2009).

---

<sup>1</sup> Em Stonewall Inn ocorreu uma luta da comunidade LGBTQIA+, mas que na época, era mencionada como uma luta gay, pois toda a comunidade era pautada dessa forma. Portanto, cabe mencionar que não foi uma luta realizada apenas por pessoas gays, mas sim por toda a comunidade LGBTQIA+.

A militância LGBTQIA+ experimentou avanços significativos quando o poder midiático começou a expor informações sobre a comunidade, ampliando o alcance das publicações LGBTQIA+, especialmente por meio dos jornais *Lampião da Esquina* e *ChanacomChana*, que desempenharam um papel essencial nesse desenvolvimento. Nesse contexto, o surgimento de jornais com essa temática consolidou-se como um marco na história brasileira, pois os grupos militantes passaram a defender que os direitos políticos, sociais e civis só se tornam legítimos socialmente para os cidadãos quando são mediados pelo direito à comunicação. Isso é especialmente verdadeiro em nossa sociedade, na qual as mídias desempenham um papel crucial na promoção do eco social (FERREIRA, 2019).

Em 1995, surgiu a primeira nomenclatura para a comunidade com o objetivo de reivindicar seus direitos: a ABGLT (Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais). Ao longo dos anos, tornou-se inegável que dessa forma a comunidade conseguiu ampliar sua voz para expressar suas diferentes e variadas identidades (BORTOLETTO, 2019).

Apesar desse avanço, somente em 2008 o Brasil adotou oficialmente o termo LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros). Mesmo assim, na última década, emergiu a nomenclaturas mais amplas como LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Intersexo, Assexuados e mais), buscando representar um número cada vez maior de pessoas no movimento e fortalecer a defesa de suas pautas na sociedade. Oliveira (2010, p.377), afirma que

A análise do processo histórico de construção das identidades homossexuais, da forma como elas foram traçadas, organizadas e re-atualizadas, revela a pluralidade de possibilidades que constituiu esse campo. Nesse sentido, sua configuração atual, mais do que o resultado de um enredo linear, se apresenta como conseqüência de articulações de diferentes movimentos sociais, atores políticos e organizações da sociedade brasileira contemporânea”.

O termo LGBTQIA+ surgiu com a ideia de retratar os tipos de orientação sexual e identidade de gênero, sendo representado por diversas pessoas, mas apresentando mais visibilidade com os seguintes grupos: lésbicas, gays, transexuais, transgênero, travestis, bissexuais, queers, intersexuais, assexuais e mais. O grupo de lésbicas é utilizado para se referir a mulheres homossexuais, podendo ser cis ou

trans, ou seja é composto por “mulheres que têm preferência sexual ou mantém relação afetiva e/ou sexual com outra mulher”; gays são “pessoas que ou aquele que sente atração sexual e/ou mantém relação amorosa e/ou sexual com indivíduo do mesmo sexo, normalmente utilizada para pessoas do sexo masculino, seja cis ou trans”; bissexuais são “pessoas que ou aquele que sente atração sexual por, ou que mantém relações sexuais com indivíduos tanto do sexo masculino como do feminino, podendo, ou não, haver predominância em relação a um gênero específico.”; ser travesti significa “pessoa que nasceu do sexo masculino, mas que se reconhece de alguma forma em uma identidade de gênero feminino.”; ser transexual significa “pessoa que visa alterar os traços sexuais externos de um indivíduo, tornando-os semelhantes aos do sexo oposto (diz-se de procedimento clínico ou cirúrgico).”; ser transgênero significa “pessoa que têm uma identidade de gênero que difere do típico do seu sexo atribuído ao nascer.”; ser queer significa “pessoa que, seja por sexo biológico, orientação sexual, orientação romântica, identidade de gênero ou expressão de gênero, não correspondem a um padrão cis-heteronormativo.”; ser intersex (ou intersexo) significa “pessoa que nasce com características sexuais biológicas que não se encaixam nas categorias típicas do sexo feminino ou masculino.”; ser agênero significa “denotar ausência de gênero, gênero neutro, ou ausência de identidade de gênero.”; ser assexuado significa “pessoa que não tem ou aparentemente não tem vida sexual. (LINHARES, 2021, p.2).

Os objetivos da população LGBTQ+ estão relacionados a diferentes contextos sociais e políticos em cada país, tornando difícil delinear as pautas do movimento, pois este não é centralizado. No entanto, de maneira geral, os principais objetivos incluem:

1. Criminalização da LGBTQfobia: Buscar medidas legais que penalizem atos discriminatórios e violentos contra a comunidade LGBTQ+.
2. Fim da criminalização da homossexualidade e penas correlatas: Lutar pela revogação de leis que criminalizam a homossexualidade e suas penalidades.
3. Reconhecimento social da identidade de gênero: Buscar aceitação e respeito à identidade de gênero de cada indivíduo, promovendo uma sociedade inclusiva.
4. Fim do tratamento das identidades trans como patologias: Lutar contra a patologização das identidades trans e promover o reconhecimento e respeito à diversidade de identidades de gênero.

5. Fim dos tratamentos de “cura gay”: Combater práticas que visam a “cura” da orientação sexual, reconhecendo a diversidade sexual como natural.

6. Casamento civil igualitário: Buscar o reconhecimento legal do casamento civil entre pessoas do mesmo sexo.

7. Permissão para casais homoafetivos adotarem crianças: Defender o direito de casais LGBTQ+ de adotarem crianças e formarem famílias.

8. Respeito à laicidade do Estado e fim da influência religiosa nos processos políticos:\*\* Garantir que as decisões políticas sejam baseadas em princípios laicos, sem influência religiosa.

9. Políticas públicas pelo fim da discriminação: Exigir a implementação de políticas que combatam a discriminação e promovam a igualdade de direitos.

10. Fim dos estereótipos LGBTQ na mídia e representatividade da comunidade nos meios de comunicação: Combater estereótipos prejudiciais presentes na mídia e buscar uma representação positiva e diversificada da comunidade LGBTQ+.

As mudanças de séculos estudadas nos livros de história, representam como uma sociedade pode alterar severamente no decorrer de 100 anos. Esse pensamento é bastante significativo quando nos referimos na temática LGBTQIA+, pois a partir do século XIX e no decorrer do século XX, iniciou-se a movimentação discursiva sobre as causas das relações sexuais “entre pessoas do mesmo sexo”, tornando a homossexualidade, que era antes considerada pecado e até mesmo um ato criminoso, em um fator biológico e/ou psicológico (PRESTES, 2007). Portanto, aquilo que era considerado como um problema social, responsabilizado pela religião, passou a ser encontrado sob responsabilidade da psiquiatria, psicologia e medicina (RIBEIRO, 1957).

Gutman (2010, 493) reitera que

o “invertido sexual” não é, a princípio, um criminoso ou um pecador, mas quase sempre um doente; não é, portanto, alguém que deva ser objeto das intervenções do padre ou do policial, mas do médico”

Nesse contexto, as pesquisas acadêmicas que abordavam a comunidade LGBTQIA+, identificavam-na pelo termo “homossexualismo”, atribuindo a uma pessoa a condição de portadora de uma doença sexual (PRESTES, 2007). O termo “invertido sexual” também era utilizado para referir-se a pessoas consideradas homossexuais. Dessa maneira, o discurso científico inseria apenas a

heterossexualidade como ideal, normal e saudável, tratando-a como a única sexualidade válida e rotulando todas as outras relações que envolviam pessoas do mesmo sexo.

Assim, a comunidade LGBT era associada a termos como "doença" e "doentes". Manuais e técnicas eram desenvolvidos para o tratamento e prevenção do que então era chamado de "homossexualismo". Essa abordagem contribuía para a marginalização e patologização da comunidade LGBTQIA+, refletindo a falta de compreensão e respeito pela diversidade de orientações sexuais.

Hoje, o termo homossexualismo já não é mais adequado, pois o sufixo "ismo", remete a doenças, então o termo homossexualidade foi aceito. No entanto, somente em 17 de maio de 1986, há 37 anos que a Organização Mundial da Saúde (OMS), retirou a homossexualidade como da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados a Saúde (CID), deixando de ser considerada uma doença (TREVISAN, 2000, p. 367).

Vale a pena mencionar que, no Brasil, em 1985, o Conselho Federal de Medicina passou a não considerar a homossexualidade como doença, apesar disso, a ideia ainda permanece de forma silenciosa, mas de forma bem efetiva, pois não é raro a tentativa de implementação de alguma "cura" em alguma instância, seja ela a social, seja política, espiritual ou psicológica. (BORTOLETTO, 2019).

Após esta contextualização, trataremos de como as questões de diversidade de gênero e sexual é abordada na educação e, em específico, no ensino de ciências e biologia.

## **CAPÍTULO 2**

### **GÊNERO E SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO E ENSINO DE CIÊNCIAS E BIOLOGIA**

Com o objetivo de analisar a relação entre gênero, sexualidade e a educação no Brasil, especialmente no ensino de ciências e biologia, é fundamental desenvolver os conceitos claros acerca desses temas.

Lutas libertárias, como as revoltas estudantis de maio em Paris, a primavera de Praga na Tchecoslováquia, os Black Panthers, o movimento hippie e as manifestações contra a guerra do Vietnã nos EUA (GROSSI, 1998), oferecem exemplos significativos de eventos que moldaram o panorama mundial. No contexto brasileiro, a recente luta contra a ditadura militar também desempenhou um papel crucial.

Compreender esses eventos históricos é fundamental para situar a discussão sobre gênero e sexualidade na educação brasileira. Esses contextos influenciam diretamente as perspectivas sociais, moldando as abordagens pedagógicas e a percepção dessas temáticas no ambiente educacional. Portanto, é imprescindível considerar esses elementos ao analisar a interseção entre gênero, sexualidade e o ensino de ciências e biologia no Brasil.

O desenrolar dessas lutas foi fundamental para o desenvolvimento do estudo sobre gêneros, especialmente quando as mulheres perceberam que, apesar de militarem por igualdade, ainda ocupavam predominantemente papéis secundários. Elas se viam limitadas a funções como secretárias e auxiliares de tarefas consideradas menos nobres, como fazer faixas ou panfletar (GROSSI, 1998). É crucial destacar que as lutas libertárias, especialmente aquelas que evidenciaram a situação feminina, foram as ferramentas-chave que motivaram essa reflexão.

Além disso, é de suma importância oferecer uma breve explicação sobre as lutas libertárias, principalmente aquelas que destacaram a condição feminina. A discussão sobre gênero e relações de gênero emergiu a partir da problemática da condição feminina. Esse contexto histórico influenciou diretamente a compreensão das disparidades de gênero e impulsionou a busca por igualdade e reconhecimento da diversidade de papéis desempenhados pelas mulheres na sociedade. Grossi (1998, p.4) afirma que

O conceito de gênero chegou até nós através das pesquisadoras norte-americanas que passaram a usar a categoria "gender" para falar das "origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e mulheres". A ênfase colocada na "origem social das identidades subjetivas" não é gratuita. De fato, não existe uma determinação natural dos comportamentos de homens e de mulheres, apesar das inúmeras regras sociais calcadas numa suposta determinação biológica diferencial dos sexos usadas nos exemplos mais corriqueiros, como "mulher não pode levantar peso" ou "homem não tem jeito para cuidar de criança".

No entanto, o conceito de gênero apresenta várias facetas, ganhando considerável força, visibilidade e expansão após os estudos marcantes da filósofa Simone de Beauvoir, que proclamou a frase icônica "Ninguém nasce mulher, torna-se mulher". É evidente como essa citação adquiriu destaque, causando impacto e influenciando não apenas os estudos do feminismo, mas também os de gênero e sexualidade. Hoje, compreende-se que não é no momento do nascimento ou na simples designação de um corpo como macho ou fêmea que se define um sujeito como masculino ou feminino. Toda a construção de gênero e sexualidade ocorre ao longo da vida, de forma contínua, sendo esses processos intrinsecamente ligados ao âmbito cultural (LOURO, 2008).

Louro (2008, p.18) reitera que

A construção dos gêneros e das sexualidades dá-se através de inúmeras aprendizagens e práticas, insinua-se nas mais distintas situações, é empreendida de modo explícito ou dissimulado por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais".

Dessa forma, o gênero exerce influência na determinação de tudo que é social, cultural e historicamente determinado (GROSSI, 1998). Apesar de estar associado ao sexo biológico, sem negar a importância da biologia, o gênero é algo em constante transformação. Destaca-se na construção social e histórica, produzida em torno das características biológicas, onde cada ato individual contribui para reconfigurar localmente as representações sociais do feminino e masculino. Não há indivíduo que possa viver de forma isolada, desvinculado de relações sociais (GROSSI, 1998; LOURO, 1997).

Percebe-se, portanto, que o gênero é formado por normas, atitudes e papéis diretamente relacionados ao que as pessoas consideram como características

masculinas ou femininas. Apesar da visão binária que a sociedade muitas vezes carrega, a identidade de gênero apresenta diversas expressões, incluindo pessoas cisgêneras, transgêneras, travestis, transexuais, pessoas não binárias e com gênero fluido (COOLING, 2018). Essas identidades são completamente distintas do sexo biológico, assim como da orientação sexual, que será discutida a seguir.

Portanto, o simples ato de escolher uma roupa, optar por uma cor, selecionar acessórios, determinar o corte de cabelo ou a maneira de andar - em suma, as escolhas estéticas e a estilística corporal - são ações que contribuem para a construção do gênero (BENTO, 2006, p. 228). Segundo Louro (1997, p.27)

Não é possível fixar um momento — seja esse o nascimento, a adolescência, ou a maturidade — que possa ser tomado como aquele em que a identidade sexual e/ou a identidade de gênero seja "assentada" ou estabelecida. As identidades estão sempre se constituindo, elas são instáveis e, portanto, passíveis de transformação.

Nesse contexto, é comum, ao nascimento de um ser humano, referir aquele recém-nascido a um sexo biológico, apresentando-se como "feminino, masculino ou intersexo". É importante destacar que esse processo de classificação está totalmente vinculado à biologia, seja quando observamos aspectos físicos ou outras características, como características corporais, incluindo cromossomos sexuais (XX ou XY), genes de expressão, níveis de hormônios, além do funcionamento da anatomia sexual e reprodutiva.

Na classificação médica, ou seja, utilizando a medicina para categorizar, comunica-se que a presença da vagina designa uma pessoa ao sexo feminino, enquanto a presença do pênis classifica uma pessoa ao sexo masculino. Além disso, os hormônios específicos para ambos os órgãos, como progesterona e testosterona, respectivamente, representam as unidades biológicas individualizadas e orgânicas de cada indivíduo, refletindo as características biológicas associadas a homens e mulheres (LEITE, 2019).

Ademais, neste momento, é relevante abordar a identidade de gênero, considerando que anteriormente foram mencionadas as principais expressões na comunidade LGBTQIA+. A identidade de gênero pode ou não corresponder ao sexo atribuído ao nascimento, sendo uma experiência pessoal, íntima e individual (JESUS et al, 2008, p.16).

Por conseguinte, a identidade está relacionada com o que está "fora" das pessoas, abrangendo toda a interação e a maneira de se expressar perante a sociedade. Em outras palavras, ela representa a forma como alguém se sente confortável em se representar, sem uma conexão direta com o sexo atribuído biologicamente. Jesus (2008, p.34) reitera que

Carregamos conosco as percepções e sentimentos acerca daquilo que está ao nosso redor e, por meio do processo de socialização, vamos construindo uma maneira peculiar de ser que se manifesta em nossos gestos, em nossa voz, em nossas roupas e adereços, em nossos afetos, em nossas palavras e ações.

Quando a identidade de gênero coincide com o sexo biológico designado no nascimento, a pessoa é considerada cisgênero, ou seja, quando um indivíduo se identifica em todos os aspectos e com todos os seus traços de nascença, além de se identificar também com o seu padrão de atitudes e comportamentos, que são alimentados pela sociedade. Em outras palavras, é quando ocorre um sentimento interno de congruência entre o seu gênero e o seu corpo, morfologicamente, ou seja, é quando a pessoa que foi designada 'homem' ou 'mulher', se sente bem com isso e é percebida e tratada como tal (KAAS, 2012).

O termo "transgênero" é empregado para descrever pessoas que adotam um gênero que não corresponde ao seu sexo biológico. Portanto, "transgênero" refere-se às pessoas cuja expressão de gênero não se alinha com as expectativas sociais associadas ao masculino ou feminino (JESUS, 2008). A imagem a seguir demonstra, de maneira bastante simplificada, as diferenças básicas entre cisgênero e transgênero, abordando aspectos superficiais.

Imagem 1 - Cisgênero e transgênero

Nascimento	Identidade	Denominação social
		Homem cisgênero
		Mulher cisgênero
		Homem transgênero
		Mulher transgênero

Fonte: Próprio autor

É importante mencionar que, atualmente, a grande maioria dos discursos sobre gênero, de algum modo, incluem ou englobam as questões de sexualidade, mesmo apresentando diferentes concepções e definições (Mac An Ghail, 1996). Da mesma forma que gênero, a sexualidade é polissêmica e apesar da sexualidade não apresentar uma definição, ela passou, e ainda passa, por diversos estudos que corroboram com o seu desenvolvimento, e desvinculando a sexualidade de reprodução, visto que, na cultura ocidental, é muito comum associar a sexualidade ao gênero, além de separar a ideia correta entre sexo e reprodução (GROSSI, 1998).

Dessa maneira, a sexualidade ainda apresenta muitos aspectos e conceitos que são de suma importância e que devem ser considerados. Foucault (1988) em "A história da sexualidade: a vontade do saber", relaciona a questão da sexualidade como uma invenção social, constituindo-se em diversos pensamentos, discursos e prazeres, portanto, marcada por relações sociais. Para o Ministério da Educação (MEC), a sexualidade é entendida como algo inerente, que se manifesta desde o momento do nascimento e se desenvolve até a morte, de diferentes jeitos a cada etapa do desenvolvimento.

Nas palavras de Cooling (2018, p.41)

Já vimos que a separação entre gênero e sexualidade só faz sentido para explicar, de modo didático, essas duas dimensões de nossas identidades. Nas nossas vidas concretas, nossos gêneros são sexualizados e nossos sexos são generificados. Mas isso não quer dizer, ao mesmo tempo, que gênero e sexo ou sexualidade são sinônimos, que é tudo a mesma coisa.

A sexualidade diz mais respeito às práticas sexuais das pessoas e a como essas pessoas se identificam em relação a essas suas práticas sexuais.

Dessarte, a sexualidade é considerada algo natural e inato, uma vez que a observamos nas diversas manifestações do comportamento sexual. Pode-se perceber que essas manifestações diferem de uma sociedade para outra, indo muito além de fatores físicos ou mesmo fisiológicos. Assim, a sexualidade é completamente moldada pela forma como a cultura a constrói, apresentando diversos tipos e variações. Ela é permeada por concepções, valores e regras que determinam, em cada momento da sociedade, em cada grupo social e até mesmo em cada período da história, o que é considerado correto ou incorreto, apropriado ou impróprio, digno ou indecente (JESUS, 2008).

Apesar de os indivíduos poderem expressar sua sexualidade de diversas maneiras, uma vez que ela se desenvolve em interação com seus parceiros, independentemente do sexo destes (sejam do mesmo sexo, sexo oposto ou até mesmo de forma assexuada), ela existe através de sua construção. Infelizmente, a sociedade ainda considera algumas identidades sexuais como incorretas, o que representa uma forma clara de discriminação. Além disso, tanto a sexualidade quanto o gênero foram historicamente e continuam a ser influenciados pelas religiões, que insistem em impor castigos, punições e condenações às pessoas que ousam manifestar suas identidades de gênero e sexuais, rotulando essas manifestações como erradas ou impuras (LEITE, 2019).

Há um discurso de heteronormatividade (WERNER, 1996) que aborda a obsessão com a sexualidade considerada normal, ou seja, a heterossexualidade, descrevendo a situação homossexual como desviante. Esse discurso tende a classificar as questões sexuais que fogem do padrão como problemas clínicos e até mesmo questões de saúde (SABAT, 2001).

Deborah Britzman (1996, p.74) menciona

Nenhuma identidade sexual — mesmo a mais normativa — é automática, autêntica, facilmente assumida; nenhuma identidade sexual existe sem negociação ou construção. Não existe, de um lado, uma identidade heterossexual lá fora, pronta, acabada, esperando para ser assumida e, de outro, uma identidade homossexual instável, que deve se virar sozinha. Em vez disso, toda identidade sexual é um constructo instável, mutável e volátil, uma relação social contraditória”.

Doravante, nessas complexas relações sociais que vão surgindo, emergindo e interagindo, começam a produzir padrões e até mesmo novas condutas ligados não apenas à sexualidade, mas também ao lugar que cada indivíduo pode ocupar e se desenvolver na sociedade. Foucault (1998), por exemplo, relaciona a sexualidade com uma situação de poder e opressão, e em sua obra, critica essa relação de forma negativa.

Foucault (1998, p. 81) reitera que

Com respeito ao sexo, o poder jamais estabelece relação que não seja de modo negativo: rejeição, exclusão, recusa, bargem, ou, ainda, ocultação e mascaramento. O poder não “pode” nada contra o sexo e os prazeres, salvo dizer-lhes não; se produz alguma coisa, são ausências e falhas; elide elementos, introduz discontinuidades, separa o que está junto, marca fronteiras. Seus efeitos tomam forma geral do limite e da lacuna.

Uma temática relacionada com a sexualidade, se chama orientação sexual, seguindo da mesma forma que a sexualidade e o gênero, sua definição diferencia de autor para autor e de área para área (CARDOSO, 2008). A orientação sexual nada mais é do que a atração que o indivíduo sente, perante uma ou várias pessoas, seja no âmbito afetivo ou no sexual.

Alguns exemplos de orientações sexuais, são:

- Homossexuais - O indivíduo que se relaciona com uma outra pessoa do mesmo sexo;
- Heterossexuais - O indivíduo que se relaciona com uma outra pessoa que seja do sexo oposto ao seu;
- Bissexual - O indivíduo que se relaciona com uma outra pessoa, podendo ser do mesmo sexo ou não;
- Assexual - O indivíduo que não tem interesse sexual, seja com pessoas do mesmo sexo ou do oposto;
- Pansexual - O indivíduo que se relaciona com uma outra pessoa, independente da sua identidade de gênero ou orientação sexual.

Encontramos uma problemática aqui quando há o uso do termo "opção sexual", que já não é tão utilizado atualmente, pois sugere uma situação de escolha,

como se a pessoa pudesse decidir sobre sua orientação sexual (MARTINS, 2017). Vale destacar que na contemporaneidade, a Organização Mundial da Saúde considera saudáveis todas as identidades sexuais, reconhecendo-as como manifestações íntimas e pessoais de cada indivíduo, refletindo seu modo de ser (PEDROSA, 2006).

Portanto, percebe-se que o desenvolvimento da sexualidade humana tem sido objeto de estudo ao longo dos anos em diversas áreas, tais como Psicologia, Antropologia, Educação, Sociologia e Ciências Médicas (COELHO, 2015).

Agora, abordando sobre gênero e sexualidade nas escolas brasileiras, analisaremos sua relação com o ensino de ciências e biologia. Inicialmente, podemos questionar: por que, às vezes, é tão desafiador incluir em nossas vidas pessoas que são diferentes de nós? Além disso, qual é o papel da escola e dos educadores na questão sexual, especialmente quando relacionada à diversidade sexual? Como a biologia e as ciências abordam a questão de gênero e sexualidade?

Vale destacar inicialmente o ambiente escolar, pois as discussões sobre gênero e sexualidade estão fortemente ligadas ao conceito de corpo e enfrentam desafios e oportunidades na realidade escolar (LEITE, 2019). Um dos grandes desafios da escola é refletir os ideais da sociedade, mas também cabe a ela abordar os diversos pontos de vista, valores e crenças existentes na sociedade, buscando auxiliar o aluno a encontrar um ponto de auto-referência por meio da reflexão (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO). Essa problemática é relevante, especialmente em uma sociedade desigual como a brasileira, marcada por muitos preconceitos, onde a escola não pode ser vista como imune aos processos de normatização das relações de poder (MADUREIRA, 2007).

Além disso, a escola reflete culturas sexistas (discriminação comportamental baseada no sexo e gênero) e heteronormativas (que considera a heterossexualidade como norma). No campo da educação brasileira, existem documentos que dialogam e realizam intervenções nas questões de diversidade de gênero e sexual (MARTINS, 2017). Apesar da suposta presença de monitoramento, o currículo escolar aborda de forma mínima as questões relacionadas ao papel e à relação que os corpos, os gêneros e as sexualidades sempre estabeleceram (LEITE, 2019), sendo a ciência posicionada como uma esfera controladora, apresentando características informativas e biologicistas. Isso quase sempre impede a inclusão de uma formação voltada para a educação sexual, restringindo-se principalmente à orientação sexual,

conforme proposto pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), entendida apenas como informativa (BONFIM, 2009). Assim, alguns dos documentos que podem ser citados incluem:

- Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN (Brasil, 1998);
- Programa Brasil Sem Homofobia (Brasil, 2004b);
- Caderno Gênero e Diversidade Sexual na Escola (Brasil, 2007);
- Programa de Saúde na Escola - PSE (Brasil, 2008).

É notório como as discussões de gênero e sexualidade estão tomando mais espaço no âmbito educacional, sendo recorrente e indispensável dentro das salas de aula, pois é refletir sobre as variações de identidade que configuram e representam o ambiente escolar (LEITE, 2019), demonstrando a extrema complexidade e dificuldade que professores, orientadores e educadores apresentam dentro do ambiente escolar acerca da diversidade sexual (MARTINS, 2017). No entanto, esse é o tópico difícil dentro das escolas brasileiras, uma vez que, constituir um corpo de docentes que sejam capazes de discutir as questões de gênero, sexualidades, diversidade sexual, orientação sexual, identidade de gênero sem minimizar ou mesmo rotular indivíduos (JESUS, 2008). Com toda certeza, a ausência de abordagem sobre o corpo docente não se deve à falta de habilidade dos professores, mas sim ao fato de que, como seres humanos inseridos em uma sociedade, os profissionais da educação não estão imunes às influências do restante da população. Dessa forma, também são impactados pelas normas e expectativas consideradas como padrões adequados de gênero e sexualidade na sociedade.

Nesse mesmo ponto de vista, em relação às dificuldades presentes na escola, é pertinente mencionar as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, que afirmam que as propostas pedagógicas das instituições de Educação Infantil devem romper com as relações dominantes relacionadas a aspectos étnico-raciais, etários, religiosos, regionais, socioeconômicos, de gênero e sexualidade (MARTINS, 2017). Em outras palavras, a educação deve se distanciar do ideal de reproduzir padrões nos quais alguns indivíduos se consideram mais poderosos ou superiores que outros (BRASIL, 2019).

Martins (ano, página) ainda afirma que

Falar sobre este tema na prática pedagógica ainda é desafio, visto que a escola, assim como outros campos da sociedade, ainda é permeada por uma cultura sexista e heteronormativa.

O papel que a escola assume nesse cenário é de suma importância, mas também é estratégico para o desenvolvimento e a construção de um ambiente potencialmente explicitador e questionador das complexas formas construídas diante das identidades culturais no âmbito social e escolar, apresentando o currículo escolar como algo central na construção das diferenças e das identidades (FURLANI, 2007). Entretanto, o currículo pouco aborda questões relacionadas ao papel e a relação que estabelecem os corpos, os gêneros e as sexualidades, seja de forma isolada, quanto inter-relacionadas (LEITE, 2021).

Furlani (2007, p.272) afirma que

A articulação entre currículo escolar e significados culturais, bem como a problematização relacional de marcadores sociais (sobretudo o gênero e a sexualidade), adquire fundamental importância na Educação Sexual que me parece ser a mais produtiva.

Torna-se evidente como os saberes culturais são desenvolvidos e estruturados historicamente, mas são reproduzidos com grande influência por diversas instâncias, como família, religião e escola (Martins, 2018). Portanto, essas instituições exercem uma influência direta na educação de crianças, jovens e adolescentes, assim como nos conteúdos e disciplinas, especialmente nas matérias do grupo de ciências naturais, atribuindo destaque aos profissionais de ciências, especialmente em biologia, nessa temática (CARVALHO, 2007). Profissionais da área de ciências biológicas, ou seja, professores de ciências e biologia, muitas vezes são os únicos reconhecidos como aptos para abordar assuntos relacionados a gênero e sexualidade nas salas de aula (COELHO, 2015), além de serem considerados um espaço privilegiado para a discussão de conteúdos relacionados ao corpo humano (LEITE, 2019).

Uma crítica pertinente a essa exclusividade é que, de maneira geral, esses profissionais tendem a se limitar aos aspectos fisiológicos e médicos, o que nos leva a refletir sobre a formação docente para a Educação Sexual no Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas (BONFIM, 2009). Além disso, cabe aos professores de ciências e biologia desconstruir conhecimentos em prol da liberdade (BRITZMAN, 1998), não seguindo a normalidade de práticas e discursos sexuais (LEITE, 2021).

Apesar de a educação sexual não constar como disciplina no currículo escolar brasileiro, ela figura como uma temática a ser debatida, desenvolvida e

transversalizada nos diversos conteúdos, conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (BRASIL, 1997). Historicamente, o primeiro ato nesse sentido ocorreu em agosto de 1974, quando o parecer 2264/74 do Conselho Federal de Educação mencionou a educação sexual como um tema a ser explorado no 2º grau, no qual os alunos deveriam aprofundar conhecimentos sobre educação sexual, gestação, puericultura e saúde mental (BONFIM, 2009). No ensino fundamental de 1º grau no Estado de São Paulo, a educação sexual também era abordada no Programa de Saúde, no tópico "Crescimento e Desenvolvimento".

Atualmente, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) delineiam objetivos claros para a área de ciências biológicas, bem como para outras áreas, seja de humanas ou exatas, destacando a necessidade de concentrar o ensino e aprendizagem no desenvolvimento de competências e habilidades por parte dos alunos (THEODORO, 2015). Recomendam ainda que as práticas pedagógicas estejam voltadas para o processo de ensino-aprendizagem, alinhando-se à interdisciplinaridade e à transversalidade. Theodoro (2015, p. 129) menciona que em relação a ciências e a biologia:

os objetivos educacionais destacam a importância de os conteúdos serem apresentados de maneira contextualizada e problematizadora, de modo que, o aluno possa ampliar competências que lhe permitam compreender o mundo em que vive e atuar como indivíduo e cidadão, utilizando esses conhecimentos em situações reais tirando destas situações subsídios para discussão teórica para que possa entender a ciência como patrimônio das sociedades contemporâneas.

Ainda, o ensino de ciências segue passando por transformações didáticas, epistemológicas e educacionais nos currículos escolares, partindo de um grande desafio que seria a necessidade de desconstrução da "cientificidade" com ênfase em método científico para formação de cientistas, já que acaba distanciando a ciência e os seus conhecimentos científicos do cotidiano, que são de suma importância também, da vivência e das diferentes realidades dos estudantes (LEITE, 2019, DELIZOICOV, ANGOTTI e PERNAMBUCO, 2011).

Seguindo então o pensamento mencionado por Coelho (2015) e Carvalho (2007), discutiremos como a ciências e a biologia englobam a questão sexual dentro das salas de aula, mas inicialmente, mencionarei sobre a biologia.

No caso das sociedades ocidentais, a biologia é uma explicação que apresenta um grande peso ideológico, visto que, é aprendido que ela é uma ciência, logo, tem um grande valor de verdade e além disso, é a ciência que estuda a vida, como sua própria nomenclatura menciona. Fica claro, que a ciência moderna configura-se como um padrão de produção científica que perdura até os dias atuais, onde teve origem no final do século XVI (LEITE, 2019). Em outras palavras, essa grandiosa matéria é uma forma transdisciplinar de encontro de saberes biológicos (MAIA, 2023), onde apresentam organismos com variabilidade ou biodiversidade. Analisando o lado social, os próprios seres humanos também demonstram tal variabilidade, uma vez que, ela está integrada aos poderes analíticos unindo o “biológico” e o próprio “social” em uma análise sistemática de desenvolvimento humano (STERLING, 2020), que ocorre nos diversos planos da biologia, como genético, embriológico, fisiológico, bioquímico e no plano social, envolvendo os setores econômico, cultural e histórico.

Já o ensino da biologia foi marcado por diversas mudanças históricas, desde aproximadamente 1950 até os anos 2000 no Brasil, onde na década de 50, a ciências começou a se desenvolver mais e tomar forma no currículo escolar, por causa do processo de industrialização pelo qual passou o Brasil e pelo aumento no uso de tecnologia nas/os indústrias/meios de produção (LEITE, 2019). De acordo com Maia (2018), a disciplina era subdividida em Zoologia, Botânica e Biologia Geral, Mineralogia, Geologia, Petrografia e Paleontologia, que complementavam a “História Natural”. Ao decorrer da década de 1960 e também em 1970, o progresso da biologia se deu com o avanço e promulgação da Lei de Diretrizes e Bases (LDB), apesar da sua característica tecnológica, fruto das reformas educativas da ditadura brasileira.

Mencionando sobre as matérias presentes dentro do amplo campo da biologia, destaca-se algumas que possuem características relevantes para o debate de gênero e sexualidade, então, conteúdos presentes na anatomia, fisiologia, e genética, precisam ser afetados pela vida e suas multiplicidades (SANTOS, 2019). Quando mencionamos no campo da anatomia e fisiologia, debates sobre as temáticas mencionadas, podem ser enriquecidos ao dialogar sobre hormônios, os caracteres sexuais secundários e até mesmo as genitálias. No entanto, para fazer esse enriquecimento, precisa-se não tomar como fato, que estes elementos biológicos estão diretamente associados a um gênero” (PAGAN, 2017), pois ser mulher é simplesmente ter vagina?

Pagan (2017, p. 77) responde a pergunta da seguinte maneira

Ser mulher é ter vagina? E por que continuam a dizer que uma mulher trans, que fez readequação de órgão genital, não é mulher? Ser mulher é ser XX? Mas, e o caso das pessoas XO, XXY? E a minha existência, sou uma mulher XY que tem um pênis e que não tem seios. [...] Minha singularidade, por exemplo, me permite refletir o quanto inadequado é tratarmos cromossomos XX como de mulher e XY, de homens.

Prosseguindo com os pensamentos de Pagan (2017), o ensino de ciências e da biologia devem seguir parâmetros para além dos determinismos biológicos (SANTOS, 2019), que vemos com tanta recorrência. No tocante, quando discutidos sobre genética, podemos englobar o assunto de gênero e sexualidade a várias definições como genes, traços, alterações cromossômicas e até mesmo sobre reprodução humana, mas pode apresentar uma resistência quando falado da questão da sexualidade.

Louro (2007, p.209 ) menciona

[..] a ancoragem da sexualidade na Biologia costuma ser mais resistente do que corrói em relação ao gênero. A aceitação da existência de uma matriz biológica, de algum atributo ou impulso comum que se constitui na origem da sexualidade humana persiste em algumas teorias. Quando isso ocorre, opera-se com uma noção universal e trans-histórica da sexualidade e, muitas vezes, remete-se ao determinismo biológico. O construcionismo social, já mencionado, contrapõe-se a essa ótica. Melhor seria dizer, no plural, que as perspectivas construcionistas opõem-se às perspectivas essencialistas distintas sobre o que vem a ser ou como se dá essa construção social.

Entretanto, apesar de ter abordado como as disciplinas podem interagir com os temas em questão, vale ressaltar que não é suficiente apenas analisar um ramo da biologia e, a partir dele, dedutivamente teorizar outros fatores mais complexos, como o próprio gênero e a sexualidade (MAIA, 2023). Conforme estudado na revisão sistemática realizada no projeto de iniciação científica, segundo Reis e Fonseca (2017), é necessário ampliar o conceito de ciências biológicas para além da ciência clássica, a fim de suavizar a rigidez da lógica binária e o confinamento das diferenças sexuais no cárcere genético, orgânico e até mesmo fisiológico (SANTOS, 2018). Além disso, é essencial conectar a aprendizagem de conceitos biológicos a uma espécie de significação social (BASTOS, 2015).

Portanto, a biologia deve ser pensada em um ensino menos regularizador e materialista, onde o gênero e a sexualidade seriam observados e discutidos em diversas perspectivas (MAIA, 2023) dentro dessa disciplina extraordinária.

No âmbito da disciplina, torna-se evidente como os conhecimentos biológicos podem contribuir para diversas desconstruções tanto para os alunos quanto para os professores. Um exemplo recorrente é a discussão sobre sexo no ensino biológico, que muitas vezes é abordado apenas como uma compreensão da divisão do material genético em relação às futuras gerações (MAIA, 2023). Percebe-se que ele não se limita ao conceito do senso comum de "macho" e "fêmea", o que é positivo para o desenvolvimento dos alunos, além de associar o tema não exclusivamente à reprodução humana. Contudo, é evidente como se limitam a abordar a orientação sobre a saúde sexual apenas relacionada a Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) e gravidez precoce, enfatizando implicitamente o impacto negativo da sexualidade, sem abordar seus aspectos positivos, como os prazeres, as afetividades e a diversidade das relações (MARTINS, 2017). Esse fato demonstra como o currículo histórico ainda mantém características antigas, vinculando a sexualidade apenas a tópicos considerados negativos, como patologias, principalmente relacionadas a doenças sexualmente transmissíveis/AIDS, e à gravidez não planejada na adolescência, sem explorar a construção histórica, política, social e cultural da sexualidade humana (BONFIM, 2009).

Nesse contexto, o universo das identidades de gênero e sexualidade pode contribuir para o desenvolvimento e ressignificação das práticas educativas no campo das ciências e biologia, auxiliando na superação do senso comum pedagógico (DELIZOICOV, ANGOTTI e PERNAMBUCO, 2011) e promovendo a transversalidade entre as áreas de ensino, sendo o ensino de ciências e biologia a ponte nesse diálogo (LEITE, 2019).

Por esta razão, a presente pesquisa de trabalho de conclusão de curso se debruçou em uma análise de um contexto social e histórico específico, representado pela Pandemia de COVID-19, para compreender de que modo se pode fundamentar a educação e o ensino de biologia e ciências de modo a contemplar as especificidades vividas pela população LGBTQ+, visando não apenas o processo de ensino-aprendizagem mas, sobretudo, o cuidado com a saúde mental e seu desenvolvimento psicossocial em momentos de emergências sanitárias. Para esse objetivo, realizamos de forma sistemática e exploratória, uma revisão de literatura de produções

acadêmico-científicas durante o ano de 2020 e 2022, que tinham como tema a relação entre COVID-19 e as vivências específicas da população LGBT. No próximo capítulo, descreveremos a metodologia utilizada.

## CAPÍTULO 3

### METODOLOGIA

A presente pesquisa foi caracterizada como uma pesquisa bibliográfica, descritiva e exploratória (CERVO E BERVIAN, 2007). Assim, a pesquisa procurou explicitar o problema a partir de referenciais teóricos trabalhando o amplo leque de artigos publicados e documentos a respeito da temática específica. Constituiu-se, assim, em uma pesquisa exploratória, que pretende buscar mais informações sobre a temática de estudo.

Consistiu no levantamento de produção científica de uma determinada temática; seguido da análise das informações acerca da produção de conhecimento que foi relatada nos documentos coletados; e, por fim, da elaboração de uma síntese integradora resultante da análise e reflexão dos estudos (CANZONIERI, 2011; GIL, 2010; LIMA E MIOTO, 2007).

Com base na proposta de Lima e Miotto (2007), a presente pesquisa teve os seguintes parâmetros:

- **Temático**- seleção das obras científicas relacionadas com o tema do impacto da pandemia de COVID-19 na população LGBT nos estudos da psicologia e educação;
- **Linguístico** - seleção apenas das obras escritas em português e, eventualmente, em inglês;
- **Bases de dados** - bases de dados on-line SciELO (Scientific Electronic Library Online), BVS – Psi (Biblioteca Virtual em Saúde – Psicologia Brasil) e BDTD (Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações); e
- **Cronológico** - obras publicadas no período de 2020 a 2022, anos iniciais das produções científicas sobre a Pandemia de COVID-19.

Foram excluídos editoriais, comentários, livros e capítulos de livros, centrando-se exclusivamente em obras que foram avaliadas por pares como uma medida para garantir a confiabilidade e rigor das pesquisas analisadas. Para isso, as bases de dados que foram consultadas para artigos científicos, dissertações e teses são:

- **SciELO (Scientific Electronic Library Online)** (Biblioteca Eletrônica Científica Online): Biblioteca eletrônica que abrange uma coleção selecionada de periódicos científicos brasileiros. É resultado de um projeto de pesquisa da FAPESP - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, em parceria com a BIREME - Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde. Site: <https://scielo.org/>
- **BVS – Psi (Biblioteca Virtual em Saúde - Psicologia Brasil):** A Biblioteca Virtual em Saúde - Psicologia Brasil ou simplesmente (BVS-Psi Brasil) é referência na América Latina e brasileira em informação científica em Psicologia de qualidade, com bases de dados diversificadas e algumas com mais de 30 anos. Site: <http://www.bvs-psi.org.br/php/index.php>
- **Portal Periódico CAPES** - Biblioteca virtual que reúne e disponibiliza a instituições de ensino e pesquisa no Brasil o melhor da produção científica internacional. Site: <https://www-periodicos-capes-gov-br.ez1.periodicos.capes.gov.br/index.php?>
- **BDTD (Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações):** Integra os sistemas de informação de teses e dissertações existentes nas instituições de ensino e pesquisa do Brasil, e também estimula o registro e a publicação de teses e dissertações em meio eletrônico. A BDTD, em parceria com as instituições brasileiras de ensino e pesquisa, possibilita que a comunidade brasileira de C&T publique e difunda suas teses e dissertações produzidas no País e no exterior, dando maior visibilidade à produção científica nacional. Site: <http://bdtd.ibict.br/vufind/>

### **Procedimento e análise**

Os procedimentos de pesquisa foram elencados da seguinte forma:

- a) Refinamento e definição dos descritores para direcionar as buscas a serem realizadas. Utilizará inicialmente a combinação das palavras: “LGBT”, “Homossexualidade”, “Transgênero” ou “Transsexualidade”, “COVID-19”, “Sars-COV-2”.

- b) Localização de banco de teses e dissertações de pós-graduações das áreas da psicologia e educação na BDTD (Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações) e de artigos da base de dados do SciELO e BVS – Psi que possam proporcionar acesso a coleções das obras, assim como aos textos completos dos artigos. Os periódicos serão das áreas da psicologia e educação.
- c) Estabelecimento de critérios de seleção das obras que constituirão o *corpus* da pesquisa bibliográfica;
- d) levantamento e coleta de teses e dissertações catalogadas, selecionado junto às bibliotecas de sistema COMUT ou disponibilizados eletronicamente; bem como levantamento e coleta dos artigos científicos avaliados por pares em língua portuguesa ou inglesa. Todas as obras deveriam ter sido publicadas nos anos de 2020, 2021 e 2022, anos iniciais da produção científica sobre a Pandemia de COVID-19.
- e) leitura das publicações com elaboração de síntese preliminar, considerando o tema, os objetivos, as problemáticas, metodologias, conclusões, bem como as áreas específicas do conhecimento, formação dos autores e regiões onde as pesquisas foram realizadas;
- f) organização do relatório do estudo compondo a sistematização das sínteses, identificando as tendências dos temas abordados pelas obras e as principais conclusões dos estudos realizados.

Para análise do material coletado, foram realizadas:

1. leitura de reconhecimento do material bibliográfico, quando serão localizadas e selecionadas as obras que podem estar relacionado com o tema da pesquisa;
2. leitura exploratória para verificar se as informações das obras selecionadas estão de acordo com os objetivos do estudo;
3. leitura reflexiva ou crítica que proporcionará o estudo crítico das obras selecionadas, o que levará a organizar, classificar e sumarizar as informações coletadas; e 4. leitura interpretativa para relacionar e integrar os conteúdos das obras com o problema da pesquisa (SALVADOR, 1986).

Foram produzidas tabelas com sistematização, classificação e sumarização de dissertações de mestrado, teses de doutorado e artigos científicos publicados entre 2020 e 2022. Fundamentos teóricos-metodológicos, principais resultados e

conclusões, perfil dos pesquisadores, local de produção e áreas específicas de conhecimento onde as obras se inserem, foram descritos.

## CAPÍTULO 4

### RESULTADOS E DISCUSSÃO

O levantamento de teses e dissertações na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), utilizando inicialmente os descritores “COVID-19” e “LGBT” ou “Homossexualidade” ou “Transexualidade”, resultou em um total de 22 artigos identificados, sendo 09 dissertações de mestrado. Não foram encontradas Teses de Doutorado na busca. Após leitura do título e resumo, apenas 02 analisaram especificamente a relação entre o contexto da COVID-19 para População LGBT.

A seguir, na Tabela 1 estão descritos e apresentam um pequeno resumo, os periódicos localizados e selecionados da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações:

**Tabela 1.** BDTD (Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações)

Resumo	Título	Ano	Autor	Orientador	Instituição	Link
O objetivo do estudo foi analisar a produção de significados nas interpretações de si, do outro e do mundo de graduandos LGBT em suas trajetórias educacionais na experiência liminar da pandemia de COVID-19.	<b>Interpretações de si nas experiências de Graduandos LGBTs em contexto pandêmico</b>	2021	Matheus Sousa de Macena.	Prof.ª Dr.ª Silviane Bonaccorsi Barbato	Universidade de Brasília - UNB,	<a href="https://repositorio.unb.br/handle/10482/43174">https://repositorio.unb.br/handle/10482/43174</a>
O presente estudo tem por objetivo analisar a construção das políticas públicas de saúde no Brasil direcionadas às pessoas trans e discutir a particularidade do município de Juiz de Fora, especialmente em relação ao Processo Transexualizador no SUS (PrTr SUS)	<b>Trans na trama da saúde: a realidade do município de Juiz de Fora</b>	2021	Alice Sandra Gomes Moreira	Prof.ª Dr.ª Marina Monteiro de Castro e Castro	Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF	<a href="https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/13771">https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/13771</a>

<p>Esta pesquisa nasce das inquietações da autora em seu exercício profissional como profissional NASF e buscou analisar a atenção prestada às pessoas LGBT, em uma área programática na atenção primária no município do Rio de Janeiro sob a perspectiva de profissionais do NASF.</p>	<p><b>População LGBT na Atenção Primária à Saúde em uma área programática do Município do Rio de Janeiro: a perspectiva do Núcleo Ampliado de Saúde da Família e Atenção Básica</b></p>	<p>2022</p>	<p><a href="#">Ferreira, Patrícia Trápaga</a></p>	<p><a href="#">Lago, Regina Ferro do</a></p>	<p>Mestrado em Saúde Pública. Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz</p>	<p><a href="https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/55398">https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/55398</a></p>
<p>Articula teorias, poesias autorais e vivências individuais/coletivas de travestis negras, residentes em Salvador - Bahia. Reafirma seus lugares de co-autoras, narradoras de experiências das suas trajetórias de vida . Trata-se de uma conversa entre mulheres negras, trans, cis e as travestis, em um movimento ativista-intelectual em favor da descolonização do saber e conhecimento, via o que chamo de Palavras-Navalhas-Doçuras que Libertam.</p>	<p><b>Este barulho te incomoda?! Potência política de travestis negras em Salvador frente a negação de direitos e às múltiplas violências: aceita que dói menos!</b></p>	<p>2022</p>	<p>Gilmara Silva de Oliveira</p>	<p>Valeria dos Santos Noronha.</p>	<p>Mestrado Acadêmico em Serviço Social. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2022</p>	<p><a href="https://repositorio.ufba.br/handle/ri/36091">https://repositorio.ufba.br/handle/ri/36091</a></p>
<p>A presente pesquisa insere-se no campo da análise sobre a condição das juventudes LGBTQIA+ que frequentam ou participam de ações e eventos na Organização da Sociedade Civil Centro de Luta pela Livre Orientação Sexual – (CELLOS/MG). O problema de pesquisa girou em torno da seguinte questão: quais são as estratégias voltadas para a resistência utilizadas por jovens LGBTQIA+ que frequentam ou participam de ações e eventos do CELLOS/MG, na faixa etária de 18 a 29 anos, a partir de suas experiências e vivências em diferentes espaços formativos no município de Belo Horizonte</p>	<p><b>Juventudes LGBTQIA+ e resistências: uma análise a partir da metodologia de conversação</b></p>	<p>2022</p>	<p>Ana Paula Nascimento Braz Cardoso Geraldo</p>	<p>Pedro Teixeira Castilho</p>	<p>Programa de Pós-Graduação em Educação e Docência. Universidade Federal de Minas Gerais</p>	<p><a href="http://hdl.handle.net/1843/44751">http://hdl.handle.net/1843/44751</a></p>

Fonte: Próprio autor

Em seguida, foi realizada a busca na plataforma SciELO (Scientific Electronic Library Online) (Biblioteca Eletrônica Científica Online), com a combinação dos mesmos descritores e utilizando a ordem “LGBT” e “Covid-19”. Foram encontrados os seguintes artigos: “Pandemia de covid-19 e população LGBTI+. (In)visibilidades dos impactos sociais” e “O impacto da Covid-19 em grupos marginalizados:

contribuições da interseccionalidade como perspectiva teórico-política”. Ademais, quando fiz a mudança de “LGBT” para “Homossexualidade”, foi visível a presença de mais outro artigo, sendo ele o “Ensino em Saúde LGBT na Pandemia da Covid-19: Oportunidades e Vulnerabilidades”.

**Tabela 2.** SciELO (Scientific Electronic Library Online)

Referência	Resumo	Data	Autor	Instituição	Link
Santana, A. D. da S., & Melo, L. P. de .. (2021). Pandemia de covid-19 e população LGBTI+. (In)visibilidades dos impactos sociais. <i>Sexualidad, Salud Y Sociedad (Rio De Janeiro)</i> , (37), e21202.	O objetivo do artigo é refletir criticamente sobre os impactos sociais da pandemia de covid-19 e as medidas de enfrentamento no cotidiano de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgênero, Intersexuais e outras identidades (LGBTI+) no contexto brasileiro.	06/2021	Alef Diogo da Silva Santana1	Universidade de São Paulo - USP	< <a href="https://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2021.37.e21202a">https://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2021.37.e21202a</a> >
Marques, A. L. M., Sorentino, I. da S., Rodrigues, J. L., Machin, R., Oliveira, E. de, & Couto, M. T. (2021). O impacto da Covid-19 em grupos marginalizados: contribuições da interseccionalidade como perspectiva teórico-política. In <i>SciELO Preprints</i> . <a href="https://doi.org/10.1590/SciELOpreprints.2028">https://doi.org/10.1590/SciELOpreprints.2028</a>	Analisar os efeitos da pandemia nas regiões marcadas por extrema desigualdade social e nas populações com SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está maior vulnerabilidade e precariedade das condições de vida	03/2021	Ana Lucia Marinho Marques,	Universidade de São Paulo - USP	< <a href="https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.2028">https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.2028</a> >
Morais Neto, A. C. de ., Tagnin, L. H., Araújo, A. C. de ., Sousa, M. I. O., Barra, B. G. A., & Hercowitz, A.. (2020). Ensino em Saúde LGBT na Pandemia da Covid-19: Oportunidades e Vulnerabilidades. <i>Revista Brasileira De Educação Médica</i> , 44, e157. <a href="https://doi.org/10.1590/1981-5271v44.supl.1-20200423">https://doi.org/10.1590/1981-5271v44.supl.1-20200423</a>	Busca refletir acerca da relação à educação em saúde da população de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBT), assunto que ainda está em processo de inserção nas escolas médicas.	09/2020	Antônio Carlos de Moraes Neto	Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN	< <a href="https://doi.org/10.1590/1981-5271v44.supl.1-20200423">https://doi.org/10.1590/1981-5271v44.supl.1-20200423</a> >

Fonte: Próprio autor

É pertinente observar que, ao realizarmos a mesma investigação utilizando repetidas palavras na Biblioteca Virtual em Saúde - Psicologia Brasil (BVS – Psi), nenhum artigo relevante para os objetivos desta pesquisa foi identificado. Diante deste cenário, optou-se por substituir a referida biblioteca pelo portal de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Este último banco de dados proporcionou o acesso ao maior acervo de artigos científicos pertinentes ao escopo da investigação em questão.

**Tabela 3a. Portal de Periódicos da Capes**

Referência	Resumo	Data	Instituição	Link
SAFT, F. (2020). O “descortinamento” das vulnerabilidades da população lgbtqia+ diante a pandemia de coronavírus. <i>Psicologia E Saúde Em Debate</i> , 6(2), 346–355.	O artigo propõe uma revisão sistemática com base em pesquisas que abordam os impactos da pandemia de Coronavírus (COVID-19) na população LGBTQIA+	12/2020	Centro Universitário Ruy Barbosa	< <a href="https://doi.org/10.22289/2446-922X.V6N2A23">https://doi.org/10.22289/2446-922X.V6N2A23</a> >
TORRES, Juliana Lustosa, Gabriela Persio Gonçalves, Adriana De Araújo Pinho, and Maria Helena Do Nascimento Souza. "The Brazilian LGBT Health Survey: Methodology and Descriptive Results." <i>Cadernos De Saúde Pública</i> 37.9 (2021): E00069521. Web.	Os objetivos da Pesquisa Brasileira de Saúde LGBT+ foram caracterizar a população LGBT+ durante a pandemia de COVID-19 e especificar as características da pandemia de COVID-19 nessa população	2021	Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz	< <a href="https://rnp-primo.hosted.exlibrisgroup.com/permalink/f/vsvpiv/TN_cdi_doaj_primary_oai_doaj_org_article_dfb0f5f1ba8446f824e02e119ddfe47">https://rnp-primo.hosted.exlibrisgroup.com/permalink/f/vsvpiv/TN_cdi_doaj_primary_oai_doaj_org_article_dfb0f5f1ba8446f824e02e119ddfe47</a> >
HAWORTH, Billy Tusker, Luan Carpes Barros Cassal, and Tiago De Paula Muniz. "No-one Knows How to Care for LGBT Community like LGBT Do': LGBTQIA Experiences of COVID-19 in the United Kingdom and Brazil." <i>Disasters</i> 47.3 (2023): 584-607. Web.	O estudo analisou as experiências de pessoas LGBTQIA+ durante a pandemia de COVID-19 no Reino Unido e no Brasil em 2020, destacando impactos desiguais devido a contextos sociais diversos.	2022	-	<a href="https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/36309939/">https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/36309939/</a>

(-) Informações insuficientes

Fonte: Próprio autor

**Tabela 3b. Portal de Periódicos da Capes**

Referência	Resumo	Data	Instituição	Link
MATTEI, Giorgio, Tullia Russo, Tindara Addabbo, and Gian Maria Galeazzi. "The COVID-19 Recession Might Increase Discriminating Attitudes toward LGBT People and Mental Health Problems Due to Minority Stress." <i>International Journal of Social Psychiatry</i> 67.4 (2021): 400-01. Web.	- Carta ao editor, sem resumo.	2021	International journal of social psychiatry	< <a href="https://rnp-primo.hosted.exlibrisgroup.com/permalink/f/vsvpiv/TN_cdi_proquest_miscellaneous_2446990953">https://rnp-primo.hosted.exlibrisgroup.com/permalink/f/vsvpiv/TN_cdi_proquest_miscellaneous_2446990953</a> >
ELEUTERI S, Alessi F, Petruccelli F and Saladino V (2022) The Global Impact of the COVID-19 Pandemic on Individuals' and Couples' Sexuality. <i>Front. Psychol.</i> 12:798260.	Em particular, analisou-se: (1) as variáveis associadas à melhora ou deterioração da vida de indivíduos e casais durante a pandemia; (2) o uso do sexo como estratégia de enfrentamento; (3) o impacto do surto de COVID-19 nas pessoas LGBT.	2021	Faculdade de Medicina e Psicologia, Universidade Sapienza de Roma, Roma, Itália	< <a href="https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.798260">https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.798260</a> >
GOODYEAR T, Slemmon A,	Este estudo examina a	2021	International	< <a href="https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/34831">https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/34831</a> >

Richardson C, Gadermann A, Salway T, Dhari S, Knight R, Jenkins E. Increases in Alcohol and Cannabis Use Associated with Deteriorating Mental Health among LGBTQ2+ Adults in the Context of COVID-19: A Repeated Cross-Sectional Study in Canada, 2020-2021. <i>Int J Environ Res Public Health</i> . 2021 Nov 19;18(22):12155.	extensão e as associações entre o aumento do uso de álcool e maconha e a deterioração da saúde mental entre adultos LGBTQ2+ no Canadá durante a pandemia de COVID-19.		journal of environmental research and public health	<a href="#">910/&gt;</a>
---	---	--	---	--------------------------

(-) Informações insuficientes

Fonte: Próprio autor

**Tabela 3c. Portal de Periódicos da Capes**

Referência	Resumo	Data	Instituição	Link
HAFFORD-LETCHFIELD T, Toze M, Westwood S. Unheard voices: A qualitative study of LGBTQ+ older people experiences during the first wave of the COVID-19 pandemic in the UK. <i>Health Soc Care Community</i> . 2022 Jul;30(4):e1233-e1243.	Este artigo relata descobertas de um estudo qualitativo sobre o impacto imediato das medidas de distanciamento social na vida de pessoas idosas (LGBT+) com 60 anos ou mais durante o primeiro lockdown da pandemia de COVID-19.	2022	University of Strathclyde, Glasgow, UK.; University of Lincoln, Lincoln, UK.; University of York, York, UK.	<a href="https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/34355825/">https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/34355825/</a>
QUATHAMER, Natalie, and Phillip Joy. "Being in a Queer Time: Exploring the Influence of the COVID-19 Pandemic on LGBTQ Body Image." <i>Nutrition &amp; Dietetics</i> 79.3 (2022): 400-10. Web.	O objetivo deste estudo foi explorar o impacto que a pandemia de COVID-19 teve na imagem corporal de canadenses LGBTQ+	2022	Mount Saint Vincent University, Halifax, Nova Scotia, Canada.	<a href="https://rnp-primo.hosted.exlibrisgroup.com/permalink/f/vsvpiv/TN_cdi_pubmedcentral_primary_oai_pubmedcentral_nih_gov_8441880">https://rnp-primo.hosted.exlibrisgroup.com/permalink/f/vsvpiv/TN_cdi_pubmedcentral_primary_oai_pubmedcentral_nih_gov_8441880</a>
CORREIA, R. L., Corrêa, M., Pedro, R., Lindgren, Y., Nascimento, W., & Siqueira, I. (2020). Velhices dissidentes de gêneros e sexualidades: as ocupações coletivas frente a pandemia Covid-19/Old age dissenting in genders and sexualities: collective occupations in the face of the Covid-19 pandemic. <i>Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional-REVISBRATO</i> , 4(3), 460-487.	Abordamos as velhices dissidentes de gênero e sexualidade, ou comumente identificadas como LGBTQI+, no enfrentamento das questões colocadas pelo atual momento de pandemia da Covid-19.	2020	<Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional - REVISBRATO>	<a href="https://revistas.ufrj.br/index.php/ribto/article/view/34440">https://revistas.ufrj.br/index.php/ribto/article/view/34440</a>

Fonte: Próprio autor

**Tabela 3d. Portal de Periódicos da Capes**

Referência	Resumo	Data	Instituição	Link
------------	--------	------	-------------	------

GONZALES, G., de Mola, E. L., Gavulic, K. A., McKay, T., & Purcell, C. (2020). Mental health needs among lesbian, gay, bisexual, and transgender college students during the COVID-19 pandemic. <i>Journal of Adolescent Health</i> , 67(5), 645-648.	O objetivo deste estudo foi examinar as necessidades de saúde mental dos estudantes universitários LGBT nos Estados Unidos durante a pandemia de COVID-19. Discute que o fechamento abrupto das universidades nos Estados Unidos em março de 2020 pode ter enviado alguns estudantes universitários lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros (LGBT) de volta para famílias e ambientes inseguros ou não aceitantes.	12/2020	Vanderbilt University, Nashville, Tennessee	< <a href="https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2020.08.006">https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2020.08.006</a> >
DOS SANTOS, J. E. C., & Costa, T. R. (2020). Gênero e COVID-19 no contexto da população de refugiados e migrantes na cidade de Manaus–Amazonas. <i>Mundo Amazônico</i> , 11(2), 62-74.	O presente texto é composto por uma análise de conjuntura social sobre o impacto da Covid-19 no cotidiano de refugiados e migrantes residentes em Manaus	2020	Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)	< <a href="https://revistas.unal.edu.co/index.php/i-manimundo/article/view/88474/76752">https://revistas.unal.edu.co/index.php/i-manimundo/article/view/88474/76752</a> >
Goldbach, J.T., Rhoades, H., Mamey, M.R. <i>et al.</i> Reducing behavioral health symptoms by addressing minority stressors in LGBTQ adolescents: a randomized controlled trial of Proud & Empowered. <i>BMC Public Health</i> 21, 2315 (2021)	Parte da premissa estresse de minorias pode levar a uma saúde mental mais precária para adolescentes minoritários sexuais e de gênero, no entanto, nenhuma intervenção foi testada por meio de um ensaio clínico randomizado para abordar essas preocupações. Relatou um ensaio clínico randomizado de uma intervenção - Proud & Empowered - em quatro escolas secundárias. As medidas avaliam o impacto da intervenção nos sintomas de saúde mental.	2021	Washington University in St. Louis	< <a href="https://bmcpublihealth.biomedcentral.com/articles/10.1186/s12889-021-12357-5">https://bmcpublihealth.biomedcentral.com/articles/10.1186/s12889-021-12357-5</a> >
Adamson T, Hanley M, Baral S Survey Development Team, <i>et al</i> Rapid, application-based survey to characterise the impacts of COVID-19 on LGBTQ+ communities around the world: an observational study <i>BMJ Open</i> 2022;12:e041896.	Este estudo busca ampliar as informações existentes e fornecer uma visão regional. Métodos Em resposta a isso, foi conduzida uma pesquisa transversal com uma amostra global de indivíduos LGBTQ+.	2022	Escola de Saúde Pública da Universidade Johns Hopkins , Baltimore , Maryland	< <a href="https://bmjopen.bmj.com/content/12/4/e041896.info">https://bmjopen.bmj.com/content/12/4/e041896.info</a> >

(-) Informações insuficientes

Fonte: Próprio autor

**Tabela 3e.** Portal de Periódicos da Capes

Referência	Resumo	Data	Instituição	Link
Bordiano, G., Liberal, S. P., Lovisi, G. M., & Abelha, L. (2021). COVID-19, vulnerabilidade social e saúde mental das populações LGBTQIA+. <i>Cadernos De Saúde Pública</i> , 37(3), e00287220.	O artigo relata acerca da vulnerabilidade social e a saúde mental da população LGBTQIA+, bem como o processo de exclusão social que a comunidade sofre	02/2021	Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz	< <a href="https://www.scielo.br/j/csp/a/DGn766g-bxHvgXMyyvylWjgb/?lang=pt">https://www.scielo.br/j/csp/a/DGn766g-bxHvgXMyyvylWjgb/?lang=pt</a> >

Teixeira Da Silva, F. (2020). MÁSCARA, MÁSCARAS. <i>Cadernos Do Tempo Presente</i> , 11(1), 16-34..	Este artigo tem como objetivo analisar de que maneira a novlingua bolsonarista aplica à covid-19 o mesmo molde de padronização que vinha aplicando à caracterização da homossexualidade e da pobreza.	2020	Universidade Federal do Rio de Janeiro	< <a href="https://rnp-primo.hosted.exlibrisgroup.com/permalink/f/vsvpiv/TN_cdi_crossref_primary_10_33662_ctp_v11i01_14133">https://rnp-primo.hosted.exlibrisgroup.com/permalink/f/vsvpiv/TN_cdi_crossref_primary_10_33662_ctp_v11i01_14133</a> >
Rios, L. F.. (2021). Sexualidade e prevenção entre homens que fazem sexo com homens nos contextos das pandemias de AIDS e da Covid-19. <i>Ciência &amp; Saúde Coletiva</i> , 26(5), 1853–1862.	Este ensaio reflete sobre práticas sexuais e prevenção nos contextos das pandemias de AIDS e da COVID-19. Analisa dados coletados entre julho e outubro de 2020, por meio de observação participante, no âmbito de uma pesquisa etnográfica sobre vulnerabilidade e prevenção ao HIV	2021	ABRASCO - Associação Brasileira de Saúde Coletiva	< <a href="https://doi.org/10.1590/1413-81232021265.00482021">https://doi.org/10.1590/1413-81232021265.00482021</a> >

(-) Informações insuficientes

Fonte: Próprio autor

Após a inicial análise de leitura e classificação, as pesquisas consideradas pertinentes avançaram para a segunda fase da revisão. Os artigos selecionados nesta etapa final foram novamente organizados em uma tabela, com a exclusão dos periódicos que não se alinhavam aos objetivos desta pesquisa. Na tabela inicial, composta por três artigos obtidos da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), apenas um permaneceu em nosso conjunto de dados, cujo título é: "Interpretações de si nas experiências de graduandos LGBTs em contexto pandêmico".

**Tabela 4.BDTD** (Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações)

Resumo	Título	Data	Autor	Orientador	Instituição	Link
O objetivo do estudo foi analisar a produção de significados nas interpretações de si, do outro e do mundo de graduandos LGBT em suas trajetórias educacionais na experiência liminar da pandemia de COVID-19.	Interpretações de si nas experiências de graduandos LGBTs em contexto pandêmico	10/2021	Matheus Sousa de Macena.	Prof.ª Dr.ª Silviane Bonaccorsi Barbato	Universidade de Brasília - UNB,	< <a href="https://repositorio.unb.br/handle/10482/43174">https://repositorio.unb.br/handle/10482/43174</a> >

Fonte: Próprio autor

Em seguida, procedeu-se à análise dos periódicos disponíveis na Scientific Electronic Library Online (SCIELO). Novamente, apenas um dentre os três artigos previamente listados na tabela anterior prosseguiu para a próxima etapa. As duas demais publicações foram excluídas pelos mesmos fundamentos observados anteriormente, isto é, pela incompatibilidade com nossos critérios de seleção e pela ausência de relevância para o escopo desta pesquisa. O artigo selecionado para dar

continuidade intitula-se "Pandemia de covid-19 e população LGBTI+: (In)visibilidades dos impactos sociais". Por fim, empregando os mesmos critérios adotados nas demais bases de dados, as tabelas anteriormente segmentadas em 3a, 3b, 3c, 3d e 3e foram minuciosamente analisadas, resultando um total de 05 artigos a serem analisados.

**Tabela 5.** SciELO (Scientific Electronic Library Online)

Resumo	Título	Data	Autor	Orientador	Instituição	Link
O objetivo do artigo é refletir criticamente sobre os impactos sociais da pandemia de covid-19 e as medidas de enfrentamento no cotidiano de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgênero, Intersexuais e outras identidades (LGBTI+) no contexto brasileiro.	Pandemia de covid-19 e população LGBTI+. (In)visibilidades dos impactos sociais	06/2021	Alef Diogo da Silva Santana1	Prof.ª Dr.ªLucas Pereira de Melo	Universidade de São Paulo - USP	< <a href="https://doi.org/10.1590/1984-6487.ses.2021.37.e21202a">https://doi.org/10.1590/1984-6487.ses.2021.37.e21202a</a> >

Fonte: Próprio autor

**Tabela 6a.** Portal de Periódicos da Capes

Resumo	Título	Data	Autor	Orientador	Instituição	Link
O artigo propõe uma revisão sistemática com base em pesquisas que abordam os impactos da pandemia de Coronavírus (COVID-19) na população LGBTQIA+	“Descortinamento” das vulnerabilidades da população LGBTQIA+ diante a pandemia de coronavírus.	12/2020	Fabiano Saft Silva	-	Centro Universitário Ruy Barbosa	< <a href="https://doi.org/10.22289/2446-922X.V6N2A23">https://doi.org/10.22289/2446-922X.V6N2A23</a> >
Este artigo tem como objetivo analisar de que maneira a novlingua bolsonarista aplica à covid-19 o mesmo molde de padronização que vinha aplicando à caracterização da homossexualidade e da pobreza.	MÁSCARA, MÁSCARAS: Pandemia e Homossexualidade e na Novilingua do Bolsonarismo	2020	Teixeira Da Silva,	Francisco Carlos	-	< <a href="https://rnp-primos.hosted.exlibrisgroup.com/permalink/f/vsvpiv/TN_cdi_crossref_primary_10_33662_etp_v11i01_14133">https://rnp-primos.hosted.exlibrisgroup.com/permalink/f/vsvpiv/TN_cdi_crossref_primary_10_33662_etp_v11i01_14133</a> >

Fonte: Próprio autor

**Tabela 6b.**Portal de Periódicos da Capes

Resumo	Título	Data	Autor	Orientador	Instituição	Link
O artigo relata acerca da vulnerabilidade social e a saúde mental da população LGBTQIA+, bem como o	COVID-19, vulnerabilidade social e saúde mental das	02/2021	Geovani Bordiano	Suzana Pacheco Liberal	Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca,	< <a href="https://doi.org/10.11606/S1518-8787.202105110114133">COVID-19, vulnerabilidade social e saúde mental</a> >

processo de exclusão social que a comunidade sofre.	populações LGBTQIA+				Fundação Oswaldo Cruz	<a href="#">das populações LGBTQIA+&gt;</a>
O objetivo deste estudo foi examinar as necessidades de saúde mental dos estudantes universitários LGBT nos EUA durante a pandemia de COVID-19	Mental Health Needs Among Lesbian, Gay, Bisexual, and Transgender College Students During the COVID-19 Pandemic	12/2020	Gilbert Gonzales	-	Journal of adolescent health	< <a href="https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2020.08.006">https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2020.08.006</a> >
Este estudo procura desenvolver a informação existente e fornecer uma visão regional das características do impacto da COVID-19 na comunidade LGBT. .	Rapid, application-based survey to characterise the impacts of COVID-19 on LGBTQ+ communities around the world: an observational study	2022	Adamson , Tyler	-	Escola de Saúde Pública da Universidade Johns Hopkins , Baltimore , Maryland	< <a href="https://bmjopen.bmj.com/content/12/4/e041896.info">https://bmjopen.bmj.com/content/12/4/e041896.info</a> >

(-) Informações insuficientes.

Fonte: Próprio autor

A segunda fase da revisão consistiu na leitura das publicações com a elaboração de síntese preliminar, abrangendo aspectos como tema, objetivos, problemáticas, metodologias, conclusões, bem como as áreas específicas do conhecimento, formação dos autores e regiões onde as pesquisas foram conduzidas. Este processo teve início com a análise dos periódicos disponíveis na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), seguido pelos trabalhos presentes na Scientific Electronic Library Online (SCIELO) e, por fim, pelo Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), sendo este último mais exitoso ao apresentar uma maior quantidade de trabalhos acadêmicos alinhados à temática deste projeto.

Cumprido salientar que, lamentavelmente, alguns artigos não puderam ser acessados devido a ocorrência de erros nas plataformas das bases de dados utilizadas. Consequentemente, esses periódicos foram inacessíveis para leitura, sendo excluídos de nossa lista de avaliação em virtude de sua incompatibilidade com as características necessárias.

Com o desdobramento do trabalho, tinha-se como objetivo obter um mapeamento capaz de identificar e analisar os referenciais teóricos e metodologias, bem como as sugestões e proposições apresentadas para a prática de acolhimento psicológico e práticas educativas direcionadas à população LGBTQIA+ em contextos de emergências sanitárias. Nesse contexto, o processo metodológico delineado foi

rigorosamente seguido, culminando nas análises conduzidas não apenas por meio da leitura das obras, mas também por meio de discussões acerca das temáticas mencionadas no âmbito de nosso grupo de pesquisa, o Núcleo de Estudos de Gênero, Diferenças e Sexualidade (NEGDS), presente no Laboratório de Estudos e Pesquisas em Ciências Humanas e Educação (LEPCHE)

Na tabela 7 e 8 são apresentadas informações gerais acerca dos 22 estudos incluídos no projeto de iniciação científica, que foi a base para o desenvolvimento do trabalho de conclusão de curso. Todos eles foram publicados nos anos adequados para a nossa análise (2020-2022), apresentando os locais de pesquisa, instituições de ensino brasileiras e variados pesquisadores, apesar da problemática presente sobre o favorecimento de pessoas do sexo masculino nas pesquisas acadêmicas.

**Tabela 7.** Características das dissertações e teses incluídas na revisão.

Primeiro autor	Data	Orientador	Instituição	Gênero	Região
Macena, MS	10/21	Barbato, SB	Universidade de Brasília	M	Brasília
Silva, FCT	07/20	Carlos, F	Universidade federal de Sergipe	M	Sergipe

(-) Informações insuficientes                      Fonte: Próprio autor

**Tabela 8.** Características dos artigos incluídos na revisão.

Primeiro autor	Data	Revista	Gênero	Região	Instituição
Santana, ADS	06/21	Revista Latino Americana	M	São Paulo	Universidade de São Paulo
Silva, FS	12/20	Psicologia e saúde em debate	M	Salvador	Centro Universitário Ruy Barbosa

Bordiano, G	02/21	-	M	Rio de Janeiro	Fundação Oswaldo Cruz
Gonzales, G	12/20	Journal of adolescent health	M	Nashville	Vanderbilty University
Adamson, T	04/22	BMJ Open	M	Baltimore	Universidade Johns Hopkins
Giorgio, M	2021	International journal of social psychiatry	M	London	-

(-) Informações insuficientes

Fonte: Próprio autor

Por conseguinte, uma problemática notória ao desenvolver a pesquisa, está relacionada com o gênero do pesquisador. Absolutamente, 100% das pesquisas realizadas, atribuem somente a pesquisadores homens, demonstrando a atual desigualdade que há nos meios acadêmicos, e evidenciando a atual sociedade patriarcal em que vivemos, conforme podemos visualizar na Tabela 9 - Características dos artigos: financiamento e sexo

Um outro debate importante obtido nos resultados é a acerca do financiamento para a realização dos projetos de pesquisa. Dentre todos os periódicos avaliado e apesar de ser bastante interessante e essencial para o desenvolvimento da psicologia, da saúde mental, da saúde pública e da comunidade LGBTQIA+, apenas 2 trabalhos explicitaram algum tipo de investimento por agências de fomento, o que demonstra a escassez e o péssimo investimento.

**Tabela 9** - Características dos artigos: financiamento e sexo

Artigo	Financiamento	Gênero
Interpretações de si nas experiências de graduandos LGBTs em contexto pandêmico.	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).	Masculino

Pandemia de covid-19 e população LGBTI+. (In)visibilidades dos impactos sociais.	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ).	Masculino
“Descortinamento” das vulnerabilidades da população LGBTQIA+ diante a pandemia de coronavírus.	Não informado.	Masculino
MÁSCARA, MÁSCARAS: Pandemia e Homossexualidade na Novilingua do Bolsonarismo.	Não informado	Masculino
COVID-19, vulnerabilidade social e saúde mental das populações LGBTQIA+.	Não informado.	Masculino
Mental Health Needs Among Lesbian, Gay, Bisexual, and Transgender College Students During the COVID-19 Pandemic.	Não informado.	Masculino
Rapid, application-based survey to characterise the impacts of COVID-19 on LGBTQ+ communities around the world: an observational study.	Não informado.	Masculino

Fonte: Próprio autor

Além disso, os trabalhos apresentaram similaridades ao abordar os impactos da COVID-19 na população LGBTQIA+, com enfoque na saúde mental e na questão social. No entanto, observou-se que esses relatos delinearam diversas perspectivas. Importa destacar que essas pesquisas, de modo geral, ressaltaram as medidas de enfrentamento cotidianas contra a COVID-19, destacando a luta diária de cada pessoa LGBTQIA+ dentro de seus lares. Abordaram questões sociais e mentais, as novas condições de socialização e aprendizagem, os impactos na renda, a solidão, as dinâmicas familiares, além das considerações epidemiológicas e as várias formas de letalidade do vírus. Em síntese, todos os artigos direcionaram sua atenção

principalmente para a dimensão social da comunidade, evidenciando as mudanças nas trajetórias de vida dos jovens. Outrossim, a vulnerabilidade social do vírus perante a população LGBTQIA+, evidencia como as desigualdades sociais impactaram, e ainda impactam, de forma direta a saúde da população brasileira, tornando mais vulneráveis determinados grupos sociais e demonstrando as graves consequências para a saúde mental, como insônia, depressão, reações de medo e raiva, abuso de substâncias, reações agudas ao estresse e transtorno do estresse pós-traumático (BORDIANO, 2021).

As dissertações de pesquisa, intituladas "Interpretações de si nas experiências de graduandos LGBTs em contexto pandêmico" e "Pandemia de COVID-19 e população LGBTI+: (In)visibilidades dos impactos sociais", apresentaram também uma orientação mais voltada para a esfera social. O trabalho de Matheus Sousa de Macena (2021) concentrou-se na vida acadêmica de jovens brasileiros LGBTQIA+, considerando os significados nas interpretações de si, do outro e do mundo durante a experiência liminar da pandemia de COVID-19. Por outro lado, o segundo trabalho, de Alef Diogo da Silva Santana (2021), enfatizou a dimensão social, mas de maneira mais abrangente, destacando as medidas de enfrentamento no cotidiano. Ambas as dissertações buscaram explicitar principalmente a importância da comunidade, considerando as novas condições de socialização e aprendizagem, e promovendo alterações nas trajetórias de vida das pessoas investigadas.

Neste contexto, o artigo de Fabiano Saft Silva (2020), intitulado "Descortinamento das vulnerabilidades da população LGBTQIA+ diante da pandemia de coronavírus", destaca como o período de quarentena durante a pandemia afetou negativamente as pessoas da comunidade, que enfrentam um isolamento social acentuado. Essa problemática está diretamente relacionada aos familiares que, de alguma forma, não aceitam os membros LGBTQIA+, seja seus filhos, netos ou sobrinhos, resultando em convivência forçada com pessoas que não legitimam suas orientações sexuais e identidades de gênero, além da obrigação de ficarem retraídas. O texto também aborda a deterioração da saúde mental devido ao aumento exacerbado de opressões e outras formas de violência.

Os artigos subsequentes, "COVID-19, vulnerabilidade social e saúde mental das populações LGBTQIA+" (BORDIANO et al, 2021) e "Rapid, application-based survey to characterise the impacts of COVID-19 on LGBTQ+ communities around the world: an observational study" (ANDAMSO et al, 2022), concentram-se

predominantemente na saúde mental da comunidade diante das questões epidemiológicas e diversas formas de letalidade do vírus. Os artigos citados destacam a população LGBTQIA+ como mais vulnerável ao vírus, principalmente devido às questões e desigualdades sociais. Dessa forma, esses trabalhos abordam as problemáticas sociais, mas com uma perspectiva voltada para a saúde pública, focalizando especificamente na saúde mental.

Em relação às diferenças encontradas nos textos, a temática revelou-se mais complexa devido à ênfase dos artigos na explicação principalmente da dimensão social. No entanto, os últimos artigos mencionados abordaram a problemática no âmbito da saúde, analisando e referenciando as diversas formas de impacto na saúde mental da população LGBTQIA+. Ademais, os pesquisadores concentraram-se exclusivamente nas pessoas que se identificam como LGBTQIA+, enquanto o primeiro texto abordou jovens, aplicando filtros para focar em uma parcela específica dessa comunidade.

Os artigos apresentaram diversas metodologias para compreender as realidades locais. A metodologia do artigo "Interpretações de si nas experiências de graduandos LGBTs em contexto pandêmico" (MACENA, 2021), consistiu na formulação de dois estudos de caso, caracterizando-se como uma abordagem qualitativa, ou seja, examinou diversas evidências baseadas em dados verbais e visuais para entender o fenômeno com maior profundidade. Essa metodologia mostrou-se adequada, considerando o fechamento de escolas na maioria dos países como medida de prevenção ao contágio do SARS-COV-2. Por sua vez, o artigo "Descortinamento das vulnerabilidades da população LGBTQIA+ diante da pandemia de coronavírus" utilizou um recorte de uma pesquisa realizada pelo coletivo #VoteLGBT (SILVA, 2020). O trabalho visou expor os impactos do isolamento social provocado pela quarentena durante a pandemia da SARS-COV-2 para a comunidade LGBTQIA+, sendo conduzido de forma qualitativa através de entrevistas pessoais na modalidade à distância.

Em consequência, outro artigo com metodologia parecida foi o "Rapid, application-based survey to characterise the impacts of COVID-19 on LGBTQ+ communities around the world: an observational study" utilizou a metodologia de levantamento e análise de dados coletados através da pesquisa de disparidades COVID-19 implementada pelo aplicativo de rede social gay Hornet (ANDEMSON, 2021). O objetivo era estabelecer uma base e preencher lacunas de dados sobre o

impacto econômico e na saúde das comunidades LGBTQ+ em todo o mundo após o impacto significativo da COVID-19

Em contrapartida às metodologias utilizadas pelos artigos citados, "Pandemia de covid-19 e população LGBTI+: (In)visibilidades dos impactos sociais" desenvolveu uma metodologia dividida em dois momentos (SANTANA et al, 2021), apresentaram uma metodologia dividida em dois momentos. Na primeira parte, realizou-se uma leitura do panorama histórico das necessidades sociais e de saúde vivenciadas por pessoas LGBTI+, enquanto na segunda parte, investigou-se os impactos da pandemia de COVID-19 na vida dessas pessoas, com ênfase nas necessidades potencializadas pela pandemia no Brasil.

Vale ressaltar que o único artigo que utilizou a leitura crítica como método foi "COVID-19, vulnerabilidade social e saúde mental das populações LGBTQIA+" (BORDINAO, 2022). Através dessa abordagem, foram realizadas leituras e análises críticas em artigos nacionais e internacionais, evidenciando as maiores prevalências de depressão e ansiedade, maior risco de suicídio e uso mais intenso de substâncias psicoativas nas minorias sexuais e de gênero em comparação com a população não LGBTQIA+. Neste estágio da pesquisa, essa foi a única abordagem que permaneceu exclusivamente na fase teórica, não desenvolvendo algum tipo de interação com o grupo de pesquisa estudado.

Dessa maneira, a forma como a família lida e reage diante as diversidades de orientação sexual ou identidade de gênero estão intimamente relacionadas com a qualidade de vida e saúde mental da população LGBTQIA+, sendo essa problemática, um produto, considerado de maior impacto, da pandemia da COVID-19. Portanto, o convívio social e familiar obrigatório, tende a ser hostil, apresentando constantes formas de violência verbal, física, psicológica e moral, sendo que, a violência doméstica já foi mencionada como a principal causa da morte de homossexuais (Prata, 2008).

Por fim, torna-se nítido que a pessoa que não se enquadra nos padrões cisheteronormativos, considerado correto pela sociedade, apresenta uma possibilidade de sofrer diferentes formas de violência, no decorrer de suas expressividades. As diferentes formas de opressões estão presentes principalmente no âmbito familiar, onde pode ser notado nas suas diversas formas de punição com a comunidade LGBTQIA+. Assim, segundo o Coordenador de Saúde do Sistema Penitenciário, Dr. Paulo César Sampaio, aproximadamente 30 mil jovens estão

internados em clínicas, pois seus familiares não respeitam a sua diversidade sexual, considerando esse ato, como uma forma de curar a homossexualidade (SILVA, 2020).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) teve origem na pesquisa iniciação científica, que visou desenvolver, descrever e analisar estudos sobre os impactos da pandemia da COVID-19 na comunidade LGBTQIA+.

Considerando as discussões desenvolvidas no trabalho, trata-se de um tópico com bastante relevância, uma vez que, o processo de formação de professores é bastante complexa. Como futuro professor, realizar análises, leituras e compreensões, acerca da temática LGBTQIA+ foi grandioso, principalmente relacionando conceitos tão importantes socialmente, com o estudo das ciências e da biologia. Dessa forma, como estudante de ciências biológicas, área na qual estuda a vida e o corpo humano, pôde compreender ainda mais acerca desses dois pontos após a realização da trabalho de conclusão de curso, visto que, foi possível compreender que corpo humano, é mais do que um debate presente na anatomia e fisiologia, mas também uma questão social, que deve dialogar juntamente com a biologia, para um ensino mais adequado.

Nesse contexto, com a importância da formação de discentes, esse trabalho pode auxiliar os professores na abordagem e entendimento de determinados assuntos que envolvam a comunidade LGBTQIA+ dentro dos espaços escolares, como também na sociedade, pois por caracteriza-se como um tema não muito mencionado, chegando a ser escondido ou até mesmo evitado, acaba mantendo-se as margens dos debates. Assim, torna-se possível a compreensão de temas significantes para o ensino da ciências, quando estiver no ensino fundamental, e da biologia, quando estiver no ensino médio, englobando-as com as questões de gênero e sexualidade no Brasil.

Apesar das limitações metodológicas, da escassez de investimento por parte de agências de fomento e do reduzido número de pesquisas na área, é digno de nota o esforço de pesquisadores nacionais e internacionais que buscam ampliar a produção científica sobre a saúde mental da comunidade LGBTQIA+, bem como os impactos da COVID-19, tanto durante a pandemia quanto no período pós-pandêmico. Entretanto, apesar do reconhecimento sobre a grande capacidade e vontade dos pesquisadores, tornou-se válido expressar e ponderar minhas críticas ao Governo pela falta de interesse em periódicos científicos voltados para essa área tão

necessária para a sociedade. Deste modo, ressaltamos a necessidade de mais estudos sobre a temática.

Diante disso, este estudo sugere novas linhas de pesquisa e ações para a população jovem LGBT em contextos de pandemias semelhantes à pandemia de COVID-19. Após os resultados obtidos, surgem questões e problemáticas adicionais que merecem investigação. Algumas temáticas potenciais para futuras pesquisas incluem: a análise do papel do patriarcado social nas universidades e na sociedade, a exploração de questões regionais para compreender a distribuição geográfica das pesquisas e os motivos por trás dessa distribuição, evitando disparidades por meio do estímulo e incentivo a estudos em diferentes regiões.

Além disso, há espaço para investigar sugestões e propostas para práticas de acolhimento psicológico e educativo direcionadas à população LGBTQIA+ em contextos de emergências sanitárias, como observado no Brasil e no mundo durante o surto de SARS-CoV-2. Essas problemáticas adicionais de pesquisa podem contribuir para um entendimento mais abrangente dos desafios enfrentados pela comunidade LGBTQIA+ em situações de crise e informar estratégias eficazes de intervenção e apoio, principalmente perante a saúde mental da população.

Considerando os dados mencionados, torna-se evidente que a saúde mental das minorias sexuais e de gênero não apenas necessita de atenção específica no âmbito das políticas públicas emergenciais de saúde durante a pandemia, mas também carece, sobretudo, de mobilização e de ações concretas. Ademais, tanto o convívio social, quanto o familiar, é responsável pelo impacto na saúde mental, tornando os ambientes mais comuns, como nossas casas, em cenários de violência física, psicológica, verbal e moral. Durante o período de estudo, identificamos a escassez de interesse no tema, juntamente com a ausência de políticas específicas do Governo. Em algumas instâncias, isso se estende à academia, evidenciada pela falta de incentivos, discursos e pouca atenção à comunidade LGBTQIA+, o que dificulta a escuta de suas vozes e sua visibilidade. Destaca-se, portanto, a vulnerabilidade da população jovem LGBT+ em contextos de emergências sanitárias.

Por fim, é imperativo desenvolver e implementar estratégias de prevenção e atendimento psicológico mais eficazes para proteger a população e tomar medidas sociais que evitem o aumento da violência e/ou exclusão nos sistemas de proteção e saúde para as pessoas LGBTQIA+.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAMSON, T. Rapid, application-based survey to characterise the impacts of COVID-19 on LGBTQ+ communities around the world: an observational study. *BMJ open*, 04, 2021.

ALBUQUERQUE, M.; RIBEIRO, L.H. Desigualdade, situação geográfica e sentidos da ação na pandemia da COVID-19 no Brasil. *Caderno de Saúde Pública* vol.36, no. 12, 2020.

BASTOS, GISÉLI DUARTE. *Biologia no ensino médio: diferentes abordagens metodológicas para adequar o conhecimento ao cotidiano – enfoque sobre gravidez na adolescência*. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências) – Universidade Federal de Santa Maria, 2015.

BENTO, B. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. *Revista de estudos Feministas*, v. 19, n.2, p. 549-559, 2011.

BENTO, BERENICE ALVES DE MELO. *O que é transexualidade*. São Paulo: Brasiliense, 2008.

BONFIM, CLÁUDIA RAMOS DE SOUZA.; GAMBOA, SILVIO ANCIZAR SANCHES. *Educação sexual e formação de professores de ciências biológicas: contradições, limites e possibilidades*. Universidade Estadual de Campinas, 2009.

BORDIANO, G.; LIBERA, S. P.; LOVISSI, G. M.; ABELHA, L. COVID-19, vulnerabilidade social e saúde mental das populações LGBTQIA+. *Reports in Public Health*. Instituto de Estudos em Saúde Coletiva, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2022.

BORTOLETTO, G. M. *LGBTQIA+: identidade e alteridade na comunidade*. Universidade de São Paulo (USP). Escola de comunicação e artes. São Paulo, SP. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília, 2009.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Ciências da natureza, matemática e suas tecnologias/ Secretaria de Educação. Orientações curriculares para o ensino médio; volume 2. Conhecimentos de Biologia. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. 135p

BRITZMAN, D. P. O que é esta coisa chamada amor?: identidade homossexual, educação e currículo. *Educação & Realidade*, 21(1), (1995/1996), p. 71-96.

BRITZMAN, D. P. Lost subjects, contested objects: Toward a psychoanalytic inquiry of learning. New York: Suny Press, (1998).

BUTLER, J. Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto? Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

BUTLER, J. El capitalismo tiene sus límites. In G. Agambem et al. Sopa de Wuhan- Pensamiento Contemporáneo en tiempo de Pandemias. 1a. ed. (pp.59-66) Buenos Aires: Editorial: ASPO (Aislamiento Social Preventivo y Obligatorio), 2020.

CARDOSO, FERNANDO LUIZ. O conceito de orientação sexual na encruzilhada entre sexo, gênero e motricidade. *Interamerican Journal of Psychology*. v.42 n.1 Porto Alegre abr. 2008.

CARRARA, S.; VIANNA, A. R. B. “Tá lá o corpo estendido no chão...”: a violência letal contra travestis no Município do Rio de Janeiro. *Physis*, 16, 02, Rio de Janeiro, IMS- UERJ, 2006, pp.233- 249.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A.; SILVA, R. Metodologia científica. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

COELHO, Elza Berger Salema et al. Violência: definições e tipologias [recurso eletrônico] / Universidade Federal de Santa Catarina; Florianópolis : Universidade Federal de Santa Catarina, 2014. 32 p. Disponível em: <[https://ares.unasus.gov.br/acervo/html/ARES/1862/1/Definicoes\\_Tipologias.pdf](https://ares.unasus.gov.br/acervo/html/ARES/1862/1/Definicoes_Tipologias.pdf)>.

COELHO, LEANDRO JORGE; CAMPOS, LUCIANA MARIA LUNARDI. Diversidade sexual e ensino de ciências: buscando sentidos. Programa de Pós-Graduação em Educação para a Ciência, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências, Bauru. 2014.

COOLLING, LEANDRO. Gênero e sexualidade na atualidade. Universidade Federal da Bahia. Centro de humanidades, artes e ciências. Salvador, 2018.

COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro et al. CORPOS, GÊNEROS E SEXUALIDADES EM MEIO AO CAOS: (SOBRE)VIVÊNCIAS EM TEMPOS DE PANDEMIA. Revista Docência e Cibercultura, [S.l.], v. 6, n. 2, p. 11-18, abr. 2022.

Data.who.int da Organização Mundial da Saúde 2023, Painel do Coronavírus da OMS (COVID-19) > Casos [Painel]. <https://data.who.int/dashboards/covid19/cases>

EFROM FILHO, R. Corpos brutalizados: conflitos e materializações nas mortes de LGBT, Cadernos PAGU, N. 36, 2016, p. 311-340

ETXEARRIA, N. O. *et al.* Niveles de estrés, ansiedad y depresión en la primera fase del brote del COVID-19 en una muestra recogida en el norte de España, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0102-311X00054020>>

FAUSTO-STERLING, ANNE. Sexing the body: gender politics and the construction of sexuality. New York: Basic Books, 2020.

FERRARI, F. “COVID-19: Dados Atualizados e sua Relação com o Sistema Cardiovascular”. **Arquivos Brasileiros de Cardiologia**. 114(5). 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.36660/abc.20200215>>

Ferreira, V., & Sacramento, I. (2019). Movimento LGBT no Brasil: violências, memórias e lutas. *Revista Eletrônica De Comunicação, Informação & Inovação Em Saúde*, 13(2). <https://doi.org/10.29397/reciis.v13i2.1826>

FOUCAULT, MICHEL. História da sexualidade I – A vontade do saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque 13.a Edição. 1988.

FURLANI, JIMENA. Sexos, sexualidades e gêneros: monstruosidades no currículo da Educação Sexual. Florianópolis - SC, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-46982007000200011>.

GHINAI, I. et al. "First known person-to-person transmission of severe acute respiratory syndrome coronavirus 2 (SARS-CoV-2) in the USA". *Lancet*. 2020;395(10230):1137-44

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 5a ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GIORGIO, M. The COVID-19 recession might increase discriminating attitudes toward LGBT people and mental health problems due to minority stress. *International journal of social psychiatry*, 2021, Vol.67 (4), p.400-401.

GONZALES, G. Mental Health Needs Among Lesbian, Gay, Bisexual, and Transgender College Students During the COVID-19 Pandemic. *Journal of Adolescent Health*. Volume 67, Issue 5, November 2020, Pages 645-648.

GOUVEIA, A. O. G; SILVIA, H. R. S; NETO, J. B. S. B. Saúde mental em tempos da COVID-19: Construção de cartilha educativa com orientações para o período da pandemia. *Enfermagem em foco*. Universidade do Estado do Pará (UEPA), 2020.

GROSSI, MIRIAM PILLAR. Identidade de gênero e sexualidade. Ministério Público do Estado da Bahia (MPBA). 1998.

GUILHERME, GUTMAN. Criminologia, Antropologia e Medicina Legal. Um personagem central: Leonídio Ribeiro. Revista Latino americana de Psicopatologia Fundamental. São Paulo, v. 13, n. 3, p. 482-497, setembro 2010.

HARVEY, D. Política anticapitalista em tempos de COVID-19. In M. Davis et al. Coronavírus e a Luta de Classes. 1a. ed. (pp.13-24) Terra sem Amos: Brasil, 2020.

JESUS, B.; RAMIRES, L.; UNBEHAUM, S.; CAVASIN, S. Diversidade Sexual na Escola: Uma metodologia de trabalho com adolescentes e jovens. 1. ed. p. 16. São Paulo: Maxprint, 2008.

JUNQUEIRA, ROGÉRIO DINIZ. Pedagogia do armário: a normatividade em ação. Revista Retratos da Escola. Brasília, DF, n 13. v7, p. 481-498, jul/dez. 2013.

KAAS, HAILEY. O que são pessoas cis e cissexismo? Ensaio de gênero, 2012. Disponível em:<<https://ensaiosdegenero.wordpress.com/2012/09/17/oque-sao-pessoas-cis-e-cissexismo/>>.

KONNETH, CRAIG. Apoiando Comunidades LGBT na Pandemia de COVID-19 (31 de julho de 2020). Burris, S., de Guia, S., Gable, L., Levin, DE, Parmet, WE, Terry, NP (Ed.) (2020). Avaliando respostas legais ao COVID-19. Boston: Public Health Law Watch, Artigo de pesquisa de estudos jurídicos da Universidade do Colorado nº 20-47, disponível em SSRN: <https://ssrn.com/abstract=3675915> ou <http://dx.doi.org/10.2139/ssrn.3675915>

LEITE, V. S. M. Caracterização das abordagens de gênero e sexualidade no ensino de ciências e biologia à luz dos documentos curriculares vigentes. Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2019.

LEITE, V. S. M. Gênero, sexualidade e suas diversidades em trabalhos publicados nas Atas do I-X Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências (1997-2015). Rio de Janeiro. 2017. 60 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em

Ciências Biológicas). Instituto de Biologia Roberto Alcântara Gomes, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2017.

LEITE, V. S. M. Perspectivas curriculares sobre a temática gênero e sexualidade no ensino de ciências e biologia: controvérsias no PNC e na BNCC. Revista Teias, v. 22, n. especial. 2021 Disponível em: <DOI: 10.12957/teias.2021.61586>.

LIMA, T. C. S., & MIOTO, R. C. T. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: A pesquisa bibliográfica. Revista Katálysis, 10(spe), 2007, p. 37-45.

Lima, C. A. N. (2009). Direitos fundamentais LGBT. Disponível: <http://carlosalexlima.blogspot.com/2009/11/no-brasil-existem-30-mil-jovens>.

LINHARES, E. M.; ANDRADE, J. C.; MENEZES, R. O. C.; OLIVEIRA, H. F.; AZEVEDO, M. R. D. Angústia, insegurança e medo na população LGBTQIA+: Comprometimento da saúde mental na pandemia da COVID-19. Research, Society and Development, v. 10, n. 8, e43810817136, 2021. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i8.17136>>

LOURO, GUACIRA LOPES. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Programa de Pós-Graduação em Educação. 2008.

LOURO, GUACIRA LOPES. Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós estruturalista. Petrópolis, RJ. Vozes, 1997. p. 14-36.

LOURO, G. L. Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas. Educação em Revista, Belo Horizonte, n. 46, p.201-218, dez. 2007.

MACENA, M.S. Interpretações de si nas experiências de graduandos LGBTs em contexto pandêmico. Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Escolar –

PGPDE. Instituto de Psicologia – IP. Universidade de Brasília, UNB. Brasília, outubro de 2021.

MADDALENA, T. L. COUTO JUNIOR, D. R.; TEIXEIRA, M. M. O que dizem os memes da educação na pandemia? Dilemas e possibilidades formativas. Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica, Salvador, v. 5, n. 16, p. 1518- 1534, 2020.

MADUREIRA, A. F. A. Gênero, sexualidade e diversidade na escola: a construção de uma cultura democrática. 2007. 429 f. Tese (Doutorado em Psicologia), Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

MAIA, MARCOS FELIPE GONÇALVES. A produção de conhecimento em gênero e sexualidade no ensino de biologia no Brasil: Uma revisão sistemática. (1996-2022). Universidade Federal da Paraíba. Programa de pós graduação em educação. João Pessoa, 2023.

MARTINS, C.F. Gênero e Sexualidade na Educação Contemporânea. Id on Line Revista Multidisciplinar e de Psicologia, Janeiro de 2017, vol.10, n.33, Supl 2. p.257-270. ISSN: 1981-1179

MENDES WG, Silva CMFP. Homicide of lesbians, gays, bisexuals, travestis, transexuals, and transgender people (LGBT) in Brazil: a spatial analysis. Ciênc Saúde Colet 2020; 25:1709-22.

MENDONÇA, V.M. D. É puxar o ar que não vem porque o que vêm são utopias- Notas sobre a respiração em tempos de pandemia da COVID-19. Espacios Transnacionales, n. 7. V. 14, p. 16-26, 2020 (a).

MENDONÇA, V.M.D. um dia você vai sentir na própria carne – afeto, memória, gênero e sexualidade. Jundiaí: Paco Editorial, 2020 (b)

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. “Orientação sexual”. Primeira parte. Secretaria de Educação Fundamental. Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento -

(PNUD). Projeto BRA 95/014 Disponível em:  
<<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro102.pdf>>.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. “Coronavírus e Sintomas” Disponível em:  
<<https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/sintomas>>.

MIOTO, R. C. T. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. Programa de Pós-Graduação em Serviço Social e Curso de Graduação em Serviço Social da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

MOURA, L. W. F *et al.* Violência e População LGBTQIA+: Impacto na Saúde Mental e a importância da Rede de Atenção. *Research, Society and Development*, v. 11, n.9, e0211931369, 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.33448/rsd-v11i9.31369>>.

NDWANDWE, DUDUZILE.; WIYSONGE, C. S. Covid-19 vaccines. *Current Opinion in Immunology* 2021, 71:111–116. ScienceDirect. 2021.

OLIVEIRA, M.; SAITO, H. T. I.; SOUTO, D. B. Violência contra LGBTQIA+ no Brasil: práticas pedagógicas como instrumento/ação de prevenção. Universidade Federal do Amazonas, Manaus. Disponível em:  
<<https://doi.org/10.24933/horizontes.v40i1.1332>>

OLIVEIRA, G. S. D. Construção, negociação e desconstrução de identidades: do movimento homossexual ao LGBT. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, UNICAMP. 2010.

PAGAN, A. A. O ser humano do Ensino de Biologia: uma abordagem fundamentada no autoconhecimento. Departamento de Biologia Universidade Federal de Sergipe (UFS). 2017.

PHAN, T. Novel coronavirus: From discovery to clinical diagnostics. *Infect Genet Evol.* 2020;79:104211. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.meegid.2020.104211>

REIS, NEILTON; FONSECA, LANA. “Bem biológico mesmo”: tensões entre ensino de Biologia, currículo e sexualidade. *Revista Educação e Emancipação*, São Luís, v. 10, n. 4, ed. Esp., set./dez., 2017.

RIBEIRO, LEONÍDIO. *Criminologia*. Rio de Janeiro: Sul Americana, 1957.

RIBEIRO, LEONÍDIO. Homossexualismo e endocrinologia. *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, jul/ago. 1938.

SABAT, RUTH. *Pedagogia cultural, gênero e sexualidade*. v09. n.01.

SALVADOR, A. D. *Métodos e técnicas de pesquisa bibliográfica*. Porto Alegre (RS): Sulina, 1986.

SANTANA, A.D.S. *Pandemia de covid-19 e população LGBTI+. (In)visibilidades dos impactos sociais*. Universidade de São Paulo, Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto. Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil.

SANTOS, SANDRO PRADO. *Experiências de pessoas trans-ensino de Biologia*. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Uberlândia, 2018

SANTOS, SANDRO PRADO; SILVA, ELENITA PINHEIRO DE QUEIROZ. *As trans-existências nos territórios do ensino de Biologia: das capturas aos escapes*. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN. 2019. XII Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências – XII ENPEC.

SANTOS, E. C *et al*. Indicadores de distress entre jovens LGBT+ durante o isolamento social pela COVID-19 no Brasil. *Revista Brasileira de Psicoterapia*, volume 23, n.2, 2021. Disponível em: <DOI 10.5935/2318-0404.20210024 >

SAWAIA, B. B *et al*. *AS ARTIMANHAS DA EXCLUSÃO: Análise psicossocial e ética da desigualdade social*. Editora Vozes LTDA. 2º Edição. Petrópolis, RJ. 2001.

SILVA, F. C. T. MÁSCARA, MÁSCARAS: Pandemia e Homossexualidade na Novílingua do Bolsonarismo. v. 11 n. 01 (2020): Jan - Jun 2020: Revista Cadernos do Tempo Presente. Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. 2020

SILVA, F. S. O “descortinamento” das vulnerabilidades da população lgbtqia+ diante a pandemia de coronavírus. Psicologia e Saúde Em Debate, n.6, v2, p.346–355, 2020.

SILVA, J. K. F. S; ALVARES, L. C. O gene ACE 2 e suas múltiplas funções na COVID-19. Departamento de Bioquímica e Biologia Tecidual, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, São Paulo, SP. Genética na Escola – ISSN: 1980-3540. Sociedade Brasileira de Genética.

SHIGEMURA, J, U.; MORGANSTEIN JC, K. M; BENEDEK, D.M. Public responses to the novel 2019 coronavirus (2019-nCoV) in Japan: Mental health consequences and target populations. Psychiatry Clinical Neuroscience, n.74, v. 4, p. 281-282, 2020.

STRABELLI, Tânia Mara Varejão; UIP, David Everson. Covid - 19 e o coração. Sociedade Brasileira de Cardiologia - SBC. 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.36660/abc.20200209>>.

THEODORO, F. C. M.; COSTA, J. B. S.; ALMEIDA, L. M. Modalidades e recursos didáticos mais utilizados no ensino de Ciências e Biologia. Estação Científica (UNIFAP). ISSN 2179-1902. Macapá, v. 5, n. 1, p. 127-139, jan./jun. 2015. Disponível em: <<http://dx.doi.org.10.18468/estcien>>.

TREVISAN, João Silvério. Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

VOTELGBT. (2020). LGBT+ sofrem mais o impacto da pandemia. Disponível: <https://www.votelgbt.org/pesquisas>. Acesso em 01 de julho de 2022.